



ACESSE:

www.jornaldeletras.com.br



LITERATURA DE CORDEL

Patrimônio cultural do Brasil

A Literatura de Cordel possui um legado riquíssimo, de enorme importância cultural. Destacando-se pela diversidade, seja de autores ou temáticas, traduz o reflexo da história, realidade ou vivência de um povo que busca valorizar suas raízes. Com características próprias, regras e, principalmente, pluralidade, carrega em suas palavras tradição, cultura e memória.

(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)



Por iniciativa do acadêmico Antônio Torres, a Academia Brasileira de Letras debruçou-se sobre os estudos relativos a um tema muito simpático: literatura de cordel. Queremos valorizar a matéria e, hoje, neste número, realizamos estudos mais acurados sobre a matéria. Devemos registrar que viveremos daqui pra frente com uma nova periodicidade. Adotaremos o sistema trimestral, mas com toda regularidade. Manteremos as seções que já se tornaram tradicionais e que fazem a marca deste periódico. É uma forma de render homenagem aos nossos leitores, que nos acompanham há muitos anos.

O Editor



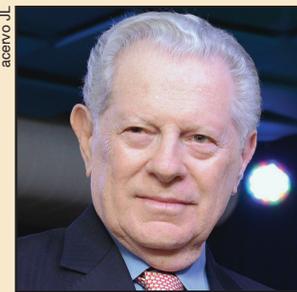
Na foto de cima, Augusto Minarelli e Humberto Casagrande em comemoração aos 60 anos do CIEE SP. Na de baixo, a festa de celebração.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editadora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: Antônio Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



Da África ao Brasil

Tornou-se comum o uso de palavras africanas no Carnaval do nosso país. Para ganhar um dos últimos eventos, Martinho da Vila deu o título de “Kizumba” ao seu inspirado samba-enredo. E é muito presente o emprego da palavra “Oxalá” em composições que brilham na nossa maior festa popular, como aconteceu agora com a vitoriosa Unidos de Viradouro, de Niterói.

As palavras africanas dão colorido e sabor aos nossos sambas. Servem de autêntico tempero, como aconteceu no Carnaval de 2024. Reparem nesse trecho: “Arroboboi, meu pai/Arroboboi, meu pai/Arroboboi, Dangbé/Destila seu axé na alma e no couro? Derrama nesse chão a sua proteção/ Pra vitória da Viradouro.”

Fala depois na força do Vodum e no toque de adahum, pra chegar à divindade em Daomé. Ya é Gu rainha, herdeiro do Candomblé. Clamam Kolofé, antes de chegar ao ninho da serpente (preparada para lutar) – e que foi muito aplaudida quando se apresentou no Sambódromo iluminado, numa coreografia rigorosamente genial. Aliás, todos os itens da escola de Niterói tiveram um extremo bom-gosto e receberam um unânime 10. Coisa rara!

Daomé, na África, é parte do Benim e é associado a uma serpente benigna, muito bem retratada pelo carnavalesco da Viradouro. Com a sua apresentação impecável, no segundo dia dos desfiles, já deixou antever que iria de qualquer forma para a finalíssima.

Cada Carnaval, com a riqueza das suas produções, mexe com a estrutura da Comissão de Lexicografia e Lexicologia da Academia Brasileira de Letras. O seu Dicionário ganha novas palavras, consagradas pelos milhares de foliões que prestigiaram o Sambódromo, quando este comemorava os seus primeiros 40 anos de vida. Ficamos atentos a essa contribuição.

Queremos voltar à Unidos de Vila Isabel porque o seu grande compositor, que é Martinho da Vila, sempre que pode utiliza palavras africanas. No último Carnaval, disse que “a criança é a esperança de Oxalá”. Fala também nos Orixás e que “Olorum é o Deus dos Deuses”. Como se vê, não há economia quando se trata de lembrar a cultura africana. Essa espécie de simbiose faz bem ao nosso coração.

“As três coisas mais difíceis no mundo: guardar segredo, perdoar uma injúria e aproveitar o tempo.”

Benjamin Franklin

“O tempo é o melhor autor. Sempre encontra um final perfeito.”

Charles Chaplin

A pedagogia brasileira

Por Nelson Valente*

O Brasil não tem uma Pedagogia. Tem várias, sobrepostas, muitas vezes sem conexão umas com as outras. A história da Pedagogia brasileira é uma espécie de colagem de modelos importados, que resulta em um quadro sem sequência bem definida.

Não existe uma pedagogia “pura”, ou seja, sem influência de outras pedagogias ou do contexto social em que se desenvolve.

Última moda é o Construtivismo, que nem é método pedagógico, mas sim um conjunto de teorias psicológicas sobre as estratégias utilizadas pelo ser humano para construir o seu conhecimento.

O QUE É CONSTRUTIVISMO

Mais do que uma Pedagogia, é uma teoria psicológica que busca explicar como se modificam as estratégias de conhecimento do indivíduo no decorrer de sua vida.

Surgiu a partir do trabalho do pesquisador suíço Jean Piaget (1896-1980), que mostrou que o ser humano é ativo na construção de seu conhecimento (daí o termo construtivismo) e não uma “massa disforme”, que é moldada pelo professor.

No Brasil, essa teoria é também muito influenciada pela argentina Emília Ferreiro (que estudou como as crianças constroem o conhecimento da leitura e escrita) e do russo L. S. Vygotsky

(que ressalta a influência dos outros e da cultura no processo de construção do conhecimento). Essas teorias mais recentes costumam ser agrupadas sob a denominação Construtivismo pós-piagetiano.

Derruba a noção clássica do erro, pois demonstra que a criança formula hipóteses sobre o objeto de conhecimento e vai “ajustando” essas hipóteses durante a aprendizagem – e, portanto, o erro é inerente a esse processo. No Brasil, o termo é muitas vezes usado de forma incorreta.

O construtivismo propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado, mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo à dúvida e o desenvolvimento do raciocínio, entre outros procedimentos. Rejeita a apresentação de conhecimentos prontos ao estudante, como um prato feito, e utiliza de modo inovador técnicas tradicionais como, por exemplo, a memorização.

O construtivismo passou por mudanças desde que começou a ser adotado no Brasil. A fase inicial, em que o aluno era deixado muito solto, como se a professora não estivesse na sala de aula (prática espontaneísta), está superada. Hoje se quer do professor uma atuação firme e planejada (prática intervencionista).

Como nenhum professor, por mais ampla que seja a sua formação, pode dominar todos os conhecimentos envolvidos na tarefa de lecionar, o trabalho interdisciplinar é recomendado para todo e qualquer nível.

PEDAGOGIA TRADICIONAL

É uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define com a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria.

Metodologia

Conteúdos expostos de forma oral e em sequência pré-determinada e fixa.

Enfatiza-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir

a memorização dos conteúdos. Aprendizagem de grande quantidade de conteúdo, o qual é chamado de “enciclopédismo”.

O professor

Autoridade máxima, o guia do processo educativo, que organiza os conteúdos e as estratégias de ensino. Na sala de aula, tende a ficar de frente, falando para alunos sentados em filas.

PEDAGOGIA RENOVADA

Surge no final do século na Europa e nos EUA, em oposição à pedagogia tradicional. No Brasil, estabelece-se a partir da década de 1920 e, principalmente, de 1930. Apesar de envolver várias correntes, a chamada Escola Nova se caracteriza por colocar o aluno no centro da atividade escolar (e não o professor, nem o conteúdo).

Metodologia

Destaca o princípio da aprendizagem por descoberta e estabelece que essa aprendizagem deve partir do interesse e da atividade de experimentação dos alunos. No extremo, pode moldar toda a atividade da escola em torno da vontade do aluno, e perder de vista o papel de transmissão de conhecimento – o que caracterizou as chamadas “escolas alternativas” no Brasil, nos anos 1970 e 1980.

O professor

É visto como facilitador no processo de busca do conhecimento pelo aluno; organiza e coordena situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos. Na sala de aula, tende a ficar circulando entre grupos de alunos que trabalham independentemente.



Foto: Cottonbro Studio/Pexels

PEDAGOGIA TECNICISTA

Proliferou no Brasil nos anos 1960 e 1970, inspirada nas teorias behavioristas de aprendizagem. A ideia é que, a partir do conhecimento da forma como o ser humano aprende, é possível

desenvolver técnicas para o ensino de cada conteúdo. É com esse tipo de pensamento que ganha destaque, por exemplo, o uso de cartilhas na alfabetização.

Metodologia

Envolve o que costuma se denominar “tecnologia programada de ensino”. A aprendizagem de um determinado conteúdo passa por uma sequência rigidamente pré-programada de atividades oferecidas pelo professor e realizadas mecanicamente pelo aluno.

O professor

É um especialista na aplicação de manuais que estabelecem o programa de aprendizagem do aluno. Deve auxiliar os alunos a executarem as tarefas pré-concebidas.

PEDAGOGIA SOCIAL E POLÍTICA

É marcada principalmente por preocupações sociais e políticas, de origem marxista. Aparece no Brasil no final da década de 1950 e início dos anos 1960, relacionada aos movimentos de Educação Popular. Fica suspensa a partir de 1964, pelo regime militar, e é retomada no final dos anos 1970 e início da década de 1980.

Metodologia

Pode-se dividir essa abordagem em “pedagogia libertadora” e “pedagogia crítico-social dos conteúdos”. Na primeira, a atividade escolar pauta-se basicamente em discussões de temas sociais e políticos e de ações possíveis sobre a realidade social imediata. Na segunda, retoma-se a importância dos conteúdos, cujo conhecimento é importante para que os alunos possam interpretar suas experiências de vida e defender seus interesses de classe.

O professor

É um coordenador de atividades que organiza e atua conjuntamente com os alunos.

*Nelson Valente é professor universitário, jornalista e escritor.

● A EDITORA Companhia das Letras reeditou *O Centauro do Jardim*, romance do saudoso Moacyr Scliar, vencedor do prêmio APCA de 1980, que estava fora de catálogo.

● COM SUA OBRA EM domínio público (qualquer um pode editar ou adaptar para outras mídias), ao menos 15 editoras planejam novas edições de Graciliano Ramos. Nos 48 anos em que o Grupo Record deteve seus direitos, os livros do mestre alagoano venderam 4,5 milhões de exemplares.

● NO SEGUNDO SEMESTRE, a Editora Rocco vai lançar uma antologia de contos inspirados em *Vidas Secas*, reunindo cinco autores de diferentes regiões do país: Ana Paula Lisboa (Rio), Jarid Arraes (Ceará), José Falero (Rio Grande do Sul), Tanto Tupiassu (Pará) e Fabiane Guimarães (Goiás).

● PRIMEIRA PESSOA das Américas a receber a distinção, a historiadora Laura de Mello e Souza, professora aposentada da FFCLH-USP, da Sorbonne em Paris, vai receber o Prêmio Internacional de História do *International Committee of Historical Sciences* (ICHHS). O prêmio será entregue em Tóquio, no Japão, em outubro.

● O LANÇAMENTO da biografia *Fundo de Quintal – O som que mudou a história do samba* (Editora Mailê) virou uma turnê com talk-show, em que o autor Marcos Salles contou histórias do Fundo de Quintal, além de autografar a obra, com passagens por Fortaleza, Salvador, Santos, Uruguaiana, Porto Alegre e Paso de los Libres, na Argentina, além do Rio de Janeiro.

● LIVRO DE ESTREIA da escritora pernambucana Bethania Pires Amaro, *O Ninho* (Ed. Record), reúne 15 histórias vencedoras do Prêmio Sesc 2023.

● EM *O FASCÍNIO da Longevidade* (Editora Lacre),

Neide Magalhães compartilha segredos para uma vida longa e saudável.

● ATRAVESSANDO CAMPOS diferenciados de pensamento, o historiador Felipe Fernández-Armesto lançou *Uma História da Imaginação* (Ed. Zahar), onde propõe uma história global das ideias.

● COM *BARTHES* (Ed. Papéis Selvagens), recém-lançada pelo professor argentino Alberto Giordano, traz o resultado de amplo estudo sobre o trabalho intelectual.

● *MORTE E FICÇÃO DO REI DOM SEBASTIÃO* (Ed. Tinta da China), do historiador André Belo, retrata um dos principais temas do nacionalismo português.

● COM QUATRO CAPÍTULOS, *Tem Poeta na Casa?* (Ed. ParaLeLo13S), de Amanda Julieta, destaca a cena poética baiana e analisa as especificidades estéticas da poesia falada.

● *JENIPAPO*, DA EDITORA MINA/ITAÚ CULTURAL, traz conhecimentos indígenas e temas como cultura, memória, meio ambiente e ética com foco na literatura de vários autores, como Ailton Krenak e Daniel Munduruku, entre outros.

● *NOVE PARA O SINGULAR* (Ed. Zagodoni) é o livro de estreia literária de Luiz Vianna Sobrinho.

● *DESAMADA: UM CORPO À ESPERA DO AMOR* marca a estreia da poeta, slammer e cientista social Midria na Editora Rosa dos Tempos.

● RUI COUCEIRO, EDITOR português à frente do selo Contraponto, reflete sobre o passar do tempo em seu primeiro livro: *Baiôa sem Data para Morrer* (Globo Livros).

● *ENFRENTANDO O ANTROPOCENO* (Ed. Boitempo), obra do canadense Ian Angus, analisa o impacto do homem no planeta e faz uma reflexão sobre as alternativas de mudanças.

ESOPO E A INVENÇÃO DO JORNALISMO MODERNO



● COM UMA VISÃO panorâmica da mente, o psiquiatra Henri Ellenberger lançou *A Descoberta do Inconsciente*, com tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. para a Editora Perspectiva.

● ILUSTRADA POR LUIZ PITA, a obra *A Viagem da Vida* foi escrita por Fábio Fabrício Fabretti especialmente para o Centro Cultural Brasileiro de Zurique, na Suíça, instituição filantrópica que representa a cultura brasileira naquele país.

● A EDITORA LANDMARK resgatou a obra da inglesa Maria Graham (1785-1842) – *Viagens ao Brasil* – com apontamentos complementares sobre o seu retorno ao Rio de Janeiro em 1824, durante um período crucial da história do Brasil.

● COMO O DESENVOLVIMENTO tecnológico molda o futuro do trabalho? Essa é apenas uma das questões elucidadas em *Ética na Inteligência Artificial* (Ubu/PUC-Rio), de Mark Coeckelbergh, uma análise breve, mas abrangente, dos novos problemas colocados pelos mais recentes avanços da Inteligência artificial.

● EM *FREUD E O CASAMENTO* (Autêntica), partindo de textos sobre feminilidade, a autora Maíra Moreira questiona as dicas de “conselheiro amoroso” do pai da psicanálise.

● *OS RICOS E OS POBRES* (Companhia das Letras), do sociólogo Marcelo Medeiros, apontam as possibilidades e limitações de algumas das soluções comumente sugeridas para o enfrentamento das desigualdades.

● *ROMPENDO AS CORRENTES DO MAAFA* (AltaBooks) tem narrativa poderosa de Anni Domingo sobre as crueldades do “Holocausto africano”.

● EM *DECOLONIZAR O MUSEU* (Ed. Ubu), a pensadora Françoise Vergès propõe o desmantelamento da estrutura de tais instituições e sua substituição por outras formas de gerir, apresentar e distribuir as riquezas culturais.

● *ALMOÇO DE DOMINGO* (Companhia das Letras), de José Luís Peixoto, recupera as memórias do patriarca de um poderoso império cafeeiro em Portugal e constrói um paralelo entre sua vida e a história recente do país.

● O LIVRO DE ESTREIA de Enrico Ianniello (considerado uma das vozes mais inovadoras da literatura italiana) – *A Vida Prodigiosa de Isidoro Sifflotin* – foi lançado no Brasil pela Editora Bertrand.

● *AVE-LIRA* (HARPER COLLINS), é o novo romance da autora Cecelia Ahern, autora best-seller de *P.S. Eu Te Amo*.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Audiência cancelada

“Maurício foi à Câmara falar com o vereador da cidade.”

Exerceu sua cidadania, mas poderia evitar o **pleonasm**. Se André procurou o **vereador** (cargo eletivo municipal), só pode ser da cidade (município).

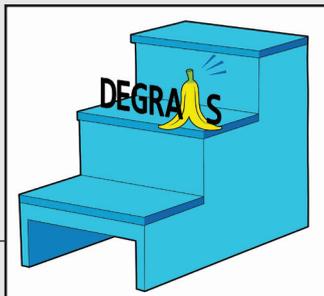
Frase correta: “Maurício foi à Câmara falar com o vereador.”

Descida arriscada

“Heloísa escorregou feio ao descer a escada, pulando os degraus de dois em dois.”

Não poderia evitar o acidente, escrevendo dessa maneira. O plural de **degrau** é **degraus**. O de **troféu** é **troféus**.

Frase correta: “Heloísa escorregou feio ao descer a escada, pulando os **degraus** de dois em dois.”



Faltou linguíça

“Maria Luísa disse que não comeria a linguíça calabreza de jeito algum.”

Esse prato nem existe no cardápio! A grafia correta é **calabresa**, com **s**.

Para lembrar: segundo o Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, a palavra **linguíça** não tem mais o sinal trema, devendo ser grafada sem o mesmo.

Frase correta: “Maria Luísa disse que não comeria a linguíça **calabresa** de jeito algum.”

Herói ou vilão?

“Úrsula comprou a fantasia de superhomem para o marido brincar no Carnaval.”

Aposto como não ganhou o concurso de fantasias! O uso do hífen sempre confunde a maioria das pessoas. Com prefixos, usa-se sempre o hífen diante de palavra iniciada por **h**.

Frase correta: “Úrsula comprou a fantasia de **super-homem** para o marido brincar no Carnaval.” **Exceção**: subumano (nesse caso, a palavra humano perde o **h**: **subumano**.)

Prova difícil

“Leila não passou no exame teórico da auto-escola.”

Vai ter que estudar mais! Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal diferente da vogal com que se inicia o segundo elemento.

Exemplos: **autoinstrução**, **coautor**, **anteontem**, **semiaberto**.

Frase correta: “Leila não passou no exame teórico da **autoescola**.”

Exceção: o prefixo **co** aglutina-se em geral com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o**: **coobrigação**, **coordenar**, **cooperar**, **cooperação** etc.



Estar, está e esta

Para não errar nunca mais:

Estar: verbo estar no infinitivo pessoal. Ex.: Faço de tudo para **estar** em paz contigo.

Está: verbo estar na 3ª pessoa do singular. Ex.: Ela **está** animada para a viagem do final de semana.

Esta: pronome demonstrativo. Ex.: **Esta** mulher ficou preocupada com a demora da partida do navio de cruzeiro.

Moralidade

“Helena levantou a moral dos estudantes antes da prova.”

Aposto que não foram bem no exame. Veja:

A moral – utilizada no sentido de bons costumes.

Ex.: “A filha precisa manter **a moral** da família, vestindo-se de forma adequada na solenidade.”

O moral – utilizado no sentido de ânimo.

Ex.: “O coronel levantou **o moral** dos soldados antes da guerra.”

Frase correta: “Helena levantou **o moral** dos estudantes antes da prova.”

A tal da regência verbal

Alguns verbos possuem mais de uma regência, como, por exemplo, o verbo **custar**:

a – no sentido de ser custoso, ser difícil: é regido pela preposição **a**.

Ex.: “**Custou ao** mecânico para entender o problema do ônibus.”

b – no sentido de acarretar, exigir, obter por meio de: usa-se **sem** preposição.

Ex.: “A casa de praia **custou-me** todas as economias.”

c – no sentido de ter valor de, ter o preço: usa-se **sem** preposição.

Ex.: “Iates **custam** caro.”

Pequena moto

“William queria uma miniatura da moto de seu pai, ela queria a motinha.”

Não vai ganhar! O diminutivo de **moto** é **motinho**.

Frase correta: “William queria uma miniatura da moto de seu pai, ela queria a **motinho**.”

Moto veloz

“O motoqueiro esterçou sua moto entre o corredor de carros com extrema perícia.”

Perfeito! Embora desconhecido da maior parte da população, o verbo **esterçar** existe, e significa manejar o volante para a esquerda e a direita.

Alfarrabistas de Lisboa e os 500 anos de Camões

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Há tempos não ia a Lisboa. Sendo mais específico, desde 2019, meses antes da pandemia. Mês passado, aproveitei uma passagem comprada anteriormente e que não me fora possível utilizar e fui. Abstraída a tensão gerada pelo cada vez mais exiguo espaço nas aeronaves, a chegada a Lisboa faz esquecer qualquer contratempo. Devidamente alojado ali pela Estefânia, desça-se a pé a Avenida da Liberdade em demanda do Rossio, a praça D. Pedro IV, atravessando-a e subindo a rua do Carmo até o Chiado, e lá adiante ganhe a Praça Luís de Camões. Cuja imagem em bronze domina o logradouro e cujos 500 anos de nascimento comemoram-se neste ano da graça de 2024.

As cercanias me trazem lembranças: mesmo ali na Praça Luís de Camões funcionava, num sobrado alto, o Consulado do Brasil em Lisboa, onde a maioria das minhas demandas de residente via-visto-de-estudos eram propostas e atendidas. Nesse tempo, lia eu diariamente o *Público*, acompanhando na última folha a crônica de Eduardo Prado Coelho. Bons tempos.

Mas continuemos. Nas cercanias, fica também a Livraria Bertrand, que detém o recorde de mais antiga livraria em atividade no mundo: está resilientemente no ramo (já que até a um terremoto sobreviveu!) desde 1732. Ali, todo

o cânone da Literatura portuguesa tem lugar reservado. Mesmo em frente, a intrigante Livraria Sá da Costa, cujo acervo, já da seara do alfarrabismo, sempre surpreende. Difícil não encontrar algo que desperte a atenção. No meu caso, em prateleira de difícil acesso, como fica bem nos tempos que correm, um exemplar do *Iniciação Tauromáquica*, de Saraiva Lima (Editorial Inquérito, 1945), devidamente adquirido e embrulhado para viagem pelos prestativos funcionários.

Mesmo ao lado da Bertrand, aos sábados, acontece a feira dos alfarrabistas. Já isso de feiras é interessante em Lisboa: basta citar a famosa Feira da Ladra, em que há tempos não punha os pés e que desta vez visitei com algum proveito. Voltando a alfarrabistas: talvez a diferença das expressões que em Portugal e no Brasil se usam para se referir ao comércio de livros antigos (recorde-se que no Brasil são disponibilizados para compra e venda nos chamados sebos) queira dizer alguma coisa. Ou não.

Não importa. Minha recolha de clássicos esquecidos, a exemplo do português Arnaldo Gama, ou de contemporâneos insuficientemente difundidos, a exemplo do caboverdiano Germano Almeida (para ficar em alguns poucos) costuma sempre frutificar por ali. Desta vez não foi diferente. Ainda, voltando cidade acima em direção à Marquês de Pombal e seguindo à direita, da direção de onde se veio, a livraria Costa e Silva, onde ia eu adquirir um exemplar do *Regulamento dos Regimentos de Cavalaria de Sua Majestade Fidelíssima*, do Conde de Lippe, o que lamentavelmente acabei não fazendo. Livros desses (este um, por exemplo, uma edição de 1796) não se acham todos os dias. Enfim.

O resto é o bom queijo de Azeitão, os vinhos regionais, a ginjinha e um Porto 20 anos bebido num quiosque de praça na Cidade Invicta, que fiz questão de rever. Aliás, a visita à Livraria Lello no Porto rendeu-me desta vez um exemplar caprichado d’*Os Lusíadas*, que doravante passará a meu exemplar de bolso. Adquirido em atenção aos 500 anos de seu autor, o que, lá como cá, está a demandar comemoração condigna.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

J Entrevistatransmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.**CARLOS NEJAR****Nejar na poesia brasileira**

Arnaldo Niskier: Hoje, com prazer imenso, temos a alegria de receber o poeta e escritor Carlos Nejar, uma das figuras mais importantes da poesia brasileira. Vamos conversar sobre a poesia e sobre a presença do Nejar na Academia Brasileira de Letras, onde é uma das figuras mais destacadas. Nejar, como é que você se sente como acadêmico há tantos anos?

Carlos Nejar: Me sinto em casa, porque, de tanto viver, já vou fazer 34 anos nessa casa. O tempo vai passando.

Arnaldo Niskier: Você é um dos mais antigos.

Carlos Nejar: Sou o quarto. Agora tenho a alegria de tu teres vindo antes. E tive outra alegria de ter sido apoiado por ti, de onde se firmou a minha amizade e admiração.

Arnaldo Niskier: É sólida. E não há dúvida nenhuma. Você é o quarto, o primeiro mais antigo é o José Sarney. Sou o segundo. Depois, o terceiro é o Vilaça. O quarto é você. É uma honra. Estamos há tanto tempo dedicando praticamente a nossa vida aos esforços da Academia pela cultura brasileira. Você, como poeta e como intelectual, deve ter sentido muito o falecimento recente do nosso Alberto da Costa e Silva. O que ele representava para você como intelectual?

Carlos Nejar: Eu recebi dele um dia a hospitalidade. Ele era embaixador em Portugal antes de entrar nessa Casa. E acolheu a mim e a Elza na sua casa. A esposa dele, Vera, era viva, na ocasião.

E foi uma semana maravilhosa de generosidade dele. Sinto a morte dele como um grande poeta. Há um livro dedicado a Vera, que é belíssimo. Uma poesia límpida, uma poesia concisa, de imagens poderosas. Foi Prêmio Camões, merecidamente. Ele era historiador da África, tem uma proximidade muito grande entre Brasil e África. Foi embaixador na Nigéria, embaixador em Portugal, em vários lugares. E ele marcou muito a passagem dele também nessa Casa. Foi presidente desta Casa e, sobretudo, um grande companheiro, uma pessoa fraterna e muito culta. É uma falta. Vamos vendo isso e cada vez sofremos com a perda.

Arnaldo Niskier: Essas perdas, na verdade, eu não sei se você acha como eu acho que são irreparáveis. Como é que você vai compensar a perda de um Alberto da Costa? Ele herdou a poesia do pai, o pai também era um poeta.

Carlos Nejar: Da Costa e Silva. Eu conhecia bem a poesia do pai e tive alegria também, na minha história da literatura, de falar de Alberto Costa e Silva. Então, foi uma poesia que já veio de herança, não é? Já estava no sangue, no espírito. É que a poesia também é espírito.

Arnaldo Niskier: Você falou em herança e você tem filhos que também são poetas, não é verdade? Isso daí passa de pai para filho?

Carlos Nejar: Eu acho que sim. Alguma coisa passa, não é? Veja: Fabrício Carpinejar é meu filho. Agora surge um outro poeta na família. O Rodrigo é mais velho até do que o Fabrício. É curioso que o Rodrigo escrevia poemas à mão e belos poemas no mesmo tempo que o Fabrício. Só que o Fabrício tem um lado ousado e um lado também muito ligado à cena, à mídia. Rodrigo era tímido e guardava poesia na gaveta. Até que, agora, o psicanalista dele o obrigou a publicar. Ele teve uma enfermidade e o psicanalista o obrigou a publicar. Ele publicou esse livro que está

saindo agora. O título do livro dele é *Insana Lucidez*. Às vezes me pergunto por que é insana, mas a verdade é a seguinte: a poesia e a criação têm um pouco de loucura. Só que, como diz Chesterton, o matemático pode atingir a loucura pela razão, mas o poeta, não, porque o poeta doma a loucura. Criar é domar a loucura.

Arnaldo Niskier: Que perfeito, e é o que você tem feito muito nos seus poemas, que são também extraordinários. O que motiva você, na Academia Brasileira de Letras?

Carlos Nejar: Penso que nós temos que participar. E, às vezes, nem sou eu que tomo a palavra, é a palavra que me toma. E ainda bem, porque ela é mais sábia do que eu. Sempre estou perto da Terra para ser plantado. A palavra está sempre voando, então ela sabe mais do que eu.

Arnaldo Niskier: E o que representa a Academia para você?

Carlos Nejar: Amo essa Casa e eu tive a oportunidade de uma vez, num momento difícil dessa Casa, de ser presidente, secretário-geral. Assistir também à sua presidência. Não é por estar na sua presença, foi a mais inovadora, sem tirar o privilégio, o valor dos que se seguiram. Mas de qualquer maneira, ficou também a minha casa, ficou o meu lugar de convívio.

Arnaldo Niskier: Como é que você vê, como intelectual, a entrada na Academia de um poeta e filósofo como o Krenak? O que é que isso representa em termos de diversidade, em termos de novidade para a Academia? O que isso representa para você?

Carlos Nejar: Li vários livros dele e, ao conhecê-lo ainda mais pessoalmente, gostei muito da figura humana dele. Mesmo que eu confesse que, na oportunidade, não votei nele. Eu me lembrei até de uma grande historiadora, porque já era minha amiga, chamada Mary Del Priori. Mais uma mulher nessa Casa. Mas abracei, com grande alegria, a vinda de Krenak, porque eu percebi nele um lado muito fraterno e também uma grande cultura.

Arnaldo Niskier: O Brasil tem quase 2 milhões de indígenas. A gente não chama mais de índios, chama de indígenas. Com tribos diversificadas espalhadas pelo nosso território. O que isso representa para você? O fato de nós termos 2 milhões de indígenas e hoje eles serem representados na Academia Brasileira de Letras, que é a instituição cultural de maior relevo no nosso país?

Carlos Nejar: Acho que é um grande momento, uma abertura da Academia, porque Krenak, na verdade, é escritor. Por outro lado, fiquei muito ligado a este lado indígena. Escrevi até um livro de poemas, mas foi uma edição particular, falando sobre aqueles índios que estão sofrendo nas suas tribos com o problema de garimpo pela busca de ouro, os Yanomami. Eu escrevi um livro sobre os Yanomami, o livro de poemas. É *A Tribo dos Yanomami*. O título maior é *Os Visíveis*, porque eu havia publicado um outro livro pela Bertrand, chamado *Os Invisíveis*, em que falo de Brumadinho, de vários outros lugares, o incêndio do Museu Nacional e outras coisas que são as tragédias da República e que a gente não pode mais calar diante da imprudência e diante dos acontecimentos. No caso dos Yanomami, eu senti um pouco o sofrimento daquele povo, porque a poesia é isso. Se nós não nos ligarmos ao povo, que sentido tem a criação? Porque somos uma voz daqueles que não têm voz. Somos

um rosto daqueles que não têm rosto e somos uma palavra que, às vezes, se torna invisível, mas precisa ser pronunciada.

Arnaldo Niskier: Quando escreve, você lembra sempre ou não lembra nunca que você foi formado no Direito, na ciência do Direito. O que isso representa para você?

Carlos Nejar: Passei, de fato, a vida sendo promotor público, no Rio Grande do Sul... No interior do Rio Grande, indo de cidade em cidade do Pampa. Conheci o povo da minha terra, mas eu sou a minha terra. Não me preocupo tanto de ir à minha terra, porque a minha terra está comigo, na minha palavra. Mas o Direito eu aprendi no foro como promotor, como procurador de justiça, como advogado, que agora está meio parado, mas eu até quero ver se desenferrojo, porque eu gosto. Estou pensando ainda em voltar a advogar, porque eu gosto dessa batalha.

Arnaldo Niskier: o poeta e escritor Carlos Nejar, teve uma carreira muito bonita no Direito, inclusive no Rio Grande do Sul, foi juiz e exerceu essa atividade com muito carinho, com muito cuidado. E hoje ele diz aqui uma revelação que talvez volte a praticar o Direito. É verdade?

Carlos Nejar: É verdade. Mas só uma observação: eu fui magistrado de pé. Fui promotor público e procurador. Tudo por concurso. Eu entrei na primeira leva do concurso e fui para o interior de todas as várias comarcas do Rio Grande. Conhecia o povo de perto e, sobretudo, tentava no Ministério Público fazer justiça. Uma vez João Cabral me disse: "Nejar, como é que tu, sendo poeta, pode ser promotor?" Disse a ele: "João, o promotor é o guerreiro de justiça e, no momento em que a justiça é realizada, é realizado o melhor poema."

Arnaldo Niskier: Como promotor, como juiz, você já praticava a poesia intensamente?

Carlos Nejar: Eu me acostumei a fazer várias coisas. Então, eu estava ali, no meio do júri, ouvindo advogado de defesa, fazendo anotações e, às vezes, vinha um poema. O que eu vou fazer? O poema é maior que eu. E esse lado jurídico aproveitei muito em poesia, por exemplo, em *Danações* e *Ordenações*, porque é uma linguagem arcaica, uma linguagem valiosa.

Arnaldo Niskier: E a profissão talvez mais procurada pelos nossos jovens universitários. Acho que o Direito está em primeiro lugar, de forma absoluta. Por que isso? É salário, é vocação?

Carlos Nejar: Pode ser, de um lado, salário e segurança. O jovem hoje está numa situação difícil, as coisas estão difíceis. O segundo lugar, um lado vocacionado. Eu me sentia vocacionado.

Arnaldo Niskier: Já tinha outros advogados na família?

Carlos Nejar: Não, eu fui o único na família. Como poeta, só um ancestral meu, mas muito ancestral, chamado Israel Najara, nosso irmão do tempo, que era judeu, árabe e ele era rabino, poeta do amor na Palestina. E ele foi meu ancestral. Eu descobri o sefardita. Por volta de 1400, 1500. Até fiz meu personagem na saga prodigiosa de Israel Najara, porque Nejar é carpinteiro e a família de carpinteiros e rabinos do tempo. Curiosamente, o Najara se tornou Nejar. Primeiro vem Najara, depois Najar e, depois, Nejar. Tenho muita honra de ter, no meu sangue, o sangue judeu e o sangue árabe. Confesso que não aceito que briguem, eu quero paz. Queremos paz. Agora também não aceito o ataque que foi feito a Israel.

Arnaldo Niskier: Você está escrevendo agora algum trabalho que possa revelar para os nossos telespectadores?

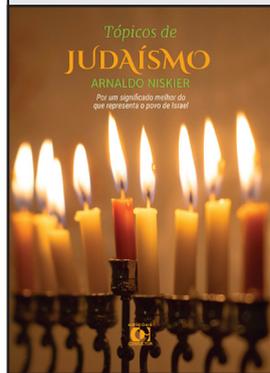
Carlos Nejar: Posso, estou sempre escrevendo. Estou com muitos romances inéditos na minha gaveta. Eu vou libertando esses fantasmas, porque senão eles me incomodam. Terminei agora um livro de poemas inéditos chamado *A Fábula dos Livres* e vai sair por uma editora de Brasília. Já assinei contrato. É um livro meu, de mais de 1000 personagens, em que trabalho há mais de 30 anos, chamado *A Terra dos Videntes*.

Arnaldo Niskier: Quero prometer a você que, quando o livro for lançado, vamos fazer esse lançamento aqui também.

J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



TÓPICOS DE JUDAÍSMO

Em *Tópicos de Judaísmo – Por um significado melhor do que representa o povo de Israel* (Ed. Consultor, 2023), Arnaldo Niskier reúne uma série de artigos e matérias de relevo, formulados ao longo de sua profícua trajetória, em que se pode notar o profundo apreço pelo povo, sabedoria e tradições judaicas.

Primeiro brasileiro judeu a figurar nos quadros da Academia Brasileira de Letras, eleito em 1984, Niskier destaca a diferença de conceituação entre o “ensino judaico” e “educação judaica”, enfatizando que teoria e prática devem andar sempre juntas: “A educação é o meio pelo qual

a sociedade transmite seus princípios e valores. Reforçando a educação reforçamos o conhecimento do mundo, tomando-nos capazes de aperfeiçoá-lo.” Em seu 165º livro, o acadêmico demonstra não só uma cultura privilegiada, como também a paixão por suas raízes. Ao longo da obra, alguns artigos fazem ponte com o judaísmo no Brasil, tais como *O olhar judaico em Machado de Assis*, *A contribuição dos judeus ao desenvolvimento brasileiro*, *Vieira e o humanismo judaico* e *Recife, a rocha de Israel*.

A epígrafe escolhida pelo jornalista Roberto Muggiati para abrir o prefácio (intitulado “Um iluminista moderno”) ilustra bem a sabedoria de Arnaldo Niskier: “Sem conhecimento não há compreensão, sem compreensão não há conhecimento.”

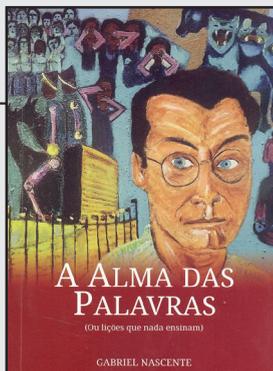
SEM PAI NEM MÃE

Ao longo das 176 páginas de *Sem Pai Nem Mãe* (Ed. Máquina de Livros), Cláudia Giudice faz um relato emocionante e arrebatador. Como afirma na apresentação Cynthia de Almeida, jornalista e cocriadora do projeto *Vamos Falar sobre o Luto?*, o livro é “o tempo todo, uma linda história de amor, que se agiganta perto do fim. E não acaba nunca”. Cláudia Giudice descobriu simultaneamente que os pais estavam com cânceres em estágio terminal. Ela transformou o luto antecipado em um diário, escrito quase em tempo real, que trata das urgências, mas também dos momentos de felicidade entre a perda do pai, Paulo, e da mãe, Marina, num intervalo de apenas seis meses. Com relatos que vão do primeiro susto ao último suspiro, a autora nos leva, generosamente, por cada passo de uma jornada dura, sensível, cheia de afeto, luta pela vida e aprendizado da aceitação da morte. Paulista, Cláudia Giudice é autora do livro *A Vida sem Crachá* (Ediouro/Happer Collins, 2015) e coautora de *Arembepe, Aldeia do Mundo* (Máquina de Livros, 2022). Graduada em Jornalismo pela PUC-SP, mestre em Jornalismo Comparado pela ECA-USP, trabalhou como jornalista por 30 anos. Atualmente, é empresária e sócia-proprietária da pousada A Capela, em Arembepe, na Bahia.



A ALMA DAS PALAVRAS

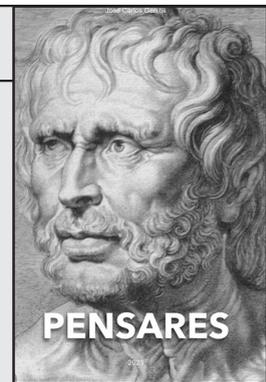
O livro *A Alma das Palavras (ou lições que nada ensinam)*, Editora Kelps (2023), do poeta goiano Gabriel Nascente, é uma homenagem ao aparecimento de dois jovens poetas promissores que, segundo o autor, “vão capitanear a nova geração de versejadores goianos”. A aposta nos talentos de Maria Clara Cardoso e Estevão Freitas resultou na compilação dos textos reunidos nas 73 páginas deste livro, feito, segundo declarado no texto de apresentação, como “homenagem ao aparecimento de dois jovens poetas, literariamente rebeldes em seus arroubos de juventude.” Na orelha, o presidente da UBE (Goiás), Ademir Luiz, afirma: “Certamente, poetas são como cavaleiros *jedi* e *saiyajins*: eles se reconhecem. Eu que sou apenas um pobre e pedestre prosador, só posso esperar para ver, acreditando no melhor. Quero crer que Gabriel Nascente tem dois valetes escondidos na manga. Em breve, vai bater na mesa e gritar ‘truco’.” Nascido em Goiânia, em 23 de janeiro de 1950, o jornalista e poeta Gabriel Nascente escreveu e editou mais de 60 livros, incursionando-se pelos gêneros do ensaio, da ficção, reportagens, narrativas, crônicas e poesia. Membro da Academia Goiana de Letras, sua poesia mereceu, do acadêmico Carlos Nejar, da Academia Brasileira de Letras, elogioso texto no livro *História da Literatura Brasileira*.



PENSARES

Em tom lírico de despedida, o escritor José Carlos Gentili lançou a coletânea

de poesias *Pensares* (Editora Kelps, 2023). Com projeto gráfico, diagramação e capa de Welber Costandrade, a obra tem a orelha assinada pelo imortal Arnaldo Niskier, que aponta o alicerce poético camoniano do autor: “A visão camoniana do acadêmico José Carlos Gentili está presente ao longo de todos os versos desta obra. Cada tempo tem o seu estilo. Ao estudar as formas mais apuradas da linguagem, desentranham-se mil riquezas, que, à força, de velhas se fazem novas. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos. Com os haveres de um e de outro é que se enriquece o pecúlio comum.” A beleza e encantamento são despertados na poesia que o professor Gentili nos entrega como “um relâmpago no céu da memória”, onde um dos versos afirma: “Somos muitos dentro de nós mesmos.” Membro da Academia de Letras de Brasília desde 10 de outubro de 1989, por seus relevantes serviços, em 30 de junho de 2016, foi-lhe dado o título honorífico de Presidente de Honra Perpétuo da Academia de Letras de Brasília. Entre outras instituições, José Carlos Gentili também integra a Academia das Ciências de Lisboa, como correspondente brasileiro.



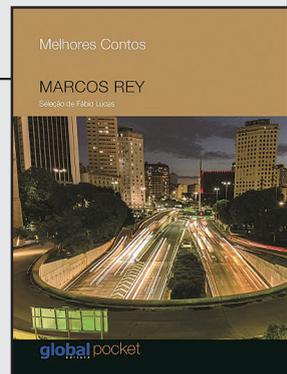
MELHORES CONTOS MARCOS REY

Em sua terceira edição, *Melhores Contos Marcos Rey* foi publicado pela Editora Global em formato *pocket*. Com toque de folhetim, escrito em estilo direto e narrado num ritmo envolvente, a narrativa mantém o leitor atento, com fôlego curto, ansioso por conhecer o destino das personagens.

São nove contos do autor paulistano, em uma seleção feita pelo crítico literário Fábio Lucas. Dos textos escolhidos, os mais conhecidos dos leitores são *O Enterro da Cafetina* e *Eu e meu Fusca*.

Com diversos livros publicados na famosa Coleção Vaga-lume, como *O Mistério de 5 Estrelas* e *O Rapto do Garoto de Ouro*, Rey recebeu vários prêmios literários, como Jabuti e Juca Pato, e foi eleito para a Academia Paulista de Letras, em 1986.

Nascido em 1925, em São Paulo, publicou o seu primeiro conto aos 16 anos no jornal *Folha da Manhã*, já fazendo uso do seu pseudônimo. Teve um vasto trabalho literário em vida, sendo o responsável por uma das adaptações do Sítio do Picapau Amarelo para televisão. Cronista, contista e roteirista de rádio, televisão e cinema, além de participações em textos para programas de humor, novelas, minisséries e publicidade, faleceu em São Paulo, em 1º de abril de 1999.

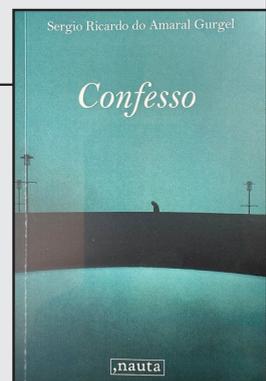


CONFESSO

Confesso (Ed. Nauta), primeiro romance de Sergio Ricardo do Amaral Gurgel, prende-nos a atenção pela profundidade da narrativa, mesclando toques de humor e reflexões filosóficas, aliados ao vasto conhecimento que o autor possui sobre os meandros da justiça brasileira.

A história apresenta o advogado Marlon, ponderando sobre como defender um cliente que confessa um crime hediondo. Diante do caso, o personagem se sente moralmente pressionado. Em dúvida de como agir juridicamente, enquanto reflete sobre a situação, parte numa busca que traz mais respostas sobre si mesmo do que sobre o caso que tem em mãos. “O destino do homem é implacável! Tudo se resume a seguir a trilha que nos leva à caixa de concreto sobre a terra úmida ou ao fogo que reduz o corpo a uma nuvem de fumaça e pó. Não passamos de um aglomerado de tolos presos a uma conta que não fecha sobre a ilusão de sermos eternos”, diz um trecho do livro.

Sérgio Ricardo do Amaral Gurgel é advogado criminalista e professor de Direito Penal. Publicou diversas obras jurídicas e artigos na *Folha de S. Paulo*, *Estadão* e *Correio Braziliense*. É coautor do livro *Da Locomotiva à Máquina de Escrever* (Chiado, 2018), biografia do precursor das telenovelas Amaral Gurgel, seu avô paterno.



Os drones estão chegando

Por Manoel Goes*

Sem a tradicional queima de fogos de artifício à beira-mar, Florianópolis (SC) inovou realizando um show com 300 drones em voos coordenados, que iluminaram o céu da cidade, com uma mensagem de Feliz Ano Novo, e um desenho da icônica Ponte Hercílio Luz. Os pets e a natureza agradecem esse espetáculo sem o barulho dos fogos.

Os drones foram a grande novidade, além da tradicional queima de fogos de artifício, no último réveillon. A presença da tecnologia das imagens com 400 e até 1 mil desses equipamentos encantou a todos, passando o show de fogos de artifício para a condição de coadjuvante nos céus do país em noite de contagem regressiva de um novo ano. Acredito nessa tendência, haja vista o considerado maior show de drones da América Latina que marcou a Virada do Ano em Balneário Camboriú, no litoral norte de Santa Catarina, onde 1 mil drones fizeram a apresentação no céu da Praia Central. Ao saírem do chão, os equipamentos foram em direção ao mar para fazer os desenhos saudando o ano que chega. Uma novidade que o governo de Abu Dhabi, capital dos Emirados Árabes Unidos, ofertou o show a Balneário Camboriú. Isso incluiu toda a estrutura técnica para a realização. Os drones pertencem ao governo do país, e ficaram na



cidade catarinense somente para a apresentação.

O Réveillon de 2024 da cidade do Rio de Janeiro contou também com uma atração extra: além dos tradicionais fogos de artifício, a praia de Copacabana recebeu show de 400 drones. A tecnologia foi usada para homenagear os 40 anos do Rock In Rio no próximo ano. Os equipamentos se organizaram no céu para formando guitarras e outras imagens que remetem ao festival. O espetáculo durou cerca de oito minutos, antes da virada e da tradicional queima de fogos. Consta na história que a palavra réveillon tem origem no verbo em francês *réveiller*, que significa “acordar” ou “reanimar” (em sentido figurado). Assim, o réveillon é o despertar do novo ano.

Quem começou com a tradição dos fogos de artifício em Copacabana, foi o Mario da antiga churrascaria *By Marius*, em 1978, reunindo comerciantes do Leme para levantar verbas e realizar a queima de fogos. Na década de 1980, o antigo *Hotel Meridien* (esquina Princesa Isabel) iniciou sua tradicional cascata de fogos que encerrava a queima. O prédio de 39 andares recebia uma cascata de fogos que saía de seu topo e ia descendo pelos andares do arranha-céu.

Assim, outros hotéis também começaram a financiar a festa dos fogos atraindo mais turistas e moradores.

Com o crescimento da festa, a cidade do Rio de Janeiro teve que se preocupar com a segurança dos frequentadores do Réveillon de Copacabana com mais uma novidade de sucesso este ano, colocando próximos os dois palcos, recebendo e encantando mais de 2 milhões de pessoas.

*Manoel Goes é produtor cultural e escritor.

Gritos no semáforo

Por Peilton Sena*

Era uma tarde de sol, de céu azul profundo e calmo, por volta das 15h30 quando o sinal fechou para os carros e a minha bicicleta. Parei e logo percebi que, do outro lado da avenida, uma criança chamava a atenção da mãe que vendia balas no semáforo. Como ela não conseguia ouvir por conta do barulho dos motores e porque estava tentando resgatar os pacotes de balas depositados nas janelas dos carros antes que o sinal abrisse de novo, a criança, então, começou a gritar bem alto. Olhei fixo para os olhos daquela criança, e o seu olhar denunciava que aqueles gritos eram motivados pela fome que ela estava sentindo àquela hora do dia. Houve um hiato entre o meu olhar e aqueles gritos: um instante de silêncio e reflexão e, mesmo depois que o semáforo abriu, eu continuei ali parado, paralisado pelo eco daquela voz infantil e inocente. Após alguns instantes, subi na bike e voltei a pedalar. Porém, os gritos daquela criança faminta ainda ecoavam em minha mente. E durante todo o percurso até a minha casa fui pensando nos milhões de gritos que se espalham pelo universo todos os dias, todas as horas, minutos e segundos. O Planeta está gritando: gritam os céus em chuvas ácidas; gritam os campos em secas plantações; gritam o mar e os rios poluídos; gritam as flores e os insetos e as plantas sufocadas pelos agrotóxicos; gritam as matas e florestas consumidas pelos desmatamentos e as labaredas do fogo; gritam os oceanos, os ursos polares, as baleias e os pinguins que sofrem com o derretimento das calotas polares e o aquecimento global... A vida humana também está gritando – grita cotidianamente em imagens e fatos reais. Afinal, o tiroteio é um

grito; um pai desempregado é um grito; uma bala perdida é um grito; a violação dos Direitos Humanos é um grito; o feminicídio é um grito; a exploração sexual é um grito; o trabalho escravo é um grito; o tráfico humano é um grito; o racismo é um grito; a guerra é um grito dentro de outros gritos... Homens e mulheres gritam em seus silêncios, em seus pesadelos, em suas solidões, em suas orações... A toda hora estamos gritando e não nos ouvem ou não querem nos ouvir. A toda hora estão gritando e nós não ouvimos ou fingimos não ouvir. São berros, são brados, são reclamações..., mas também são pedidos de ajuda, de apoio, de um ombro amigo, de uma conversa, de uma reconciliação, de um abraço, um olhar, um afago na alma... ou simplesmente uma vida chamando a atenção de outras, como a daquela vida infantil gritando no semáforo. Um grito é o som de voz agudo, elevado, emitido com esforço para chamar alguém, pedir socorro ou exprimir sensação de dor, espanto, raiva, alegria ou qualquer outra emoção forte. Mas quantos gritos acabam morrendo dentro do próprio peito? Presos dentro de bocas que não se abrem por medo de mais uma vez não serem escutadas? Clamores que são reprimidos ou se tornam indiferentes a tanta gente de boa audição?! Gente que ignora a dor do outro, o chamado do outro, o som do outro, a fala do outro, a voz do outro, a presença do outro, os gritos do outro e prefere continuar surda e mumificada na imobilidade garantida dos que nada fazem, por comodismo, por omissão ou porque já se tornara insensível a si mesma e ao próximo. Todos gritam, independentemente da classe social, sexo, religião, cor da pele... Somos humanos em estado bruto de dores e amores, alegrias e tristezas, sabedoria e ignorância, compaixão e agressividade... sendo lapidados muitas vezes por gritos inconscientes que ecoam por meio da arte, da literatura, da música, da escultura... Gritar é uma necessidade humana. E por mais que sejamos adultos, viver no mundo exige que muitas vezes, na esperança de sermos ouvidos, gritemos como uma criança chamando por sua mãe em algum semáforo da vida.

*Peilton Sena é membro da Academia Santista de Letras e da ALAPG.

ANGLO-AMERICANO! AQUI, O ACOLHIMENTO TÁ EM ALTA!



NO CORAÇÃO DO CONDOMÍNIO
NOVA IPANEMA
- BARRA DA TIJUCA -

DO BERÇÁRIO
AO ENSINO MÉDIO

VISITE-NOS

3325-8080

www.angloamericano.edu.br

 @anglo.barra



Literatura de Cordel, patrimônio cultural do Brasil

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



A literatura de cordel é uma das expressões da cultura popular do Nordeste.

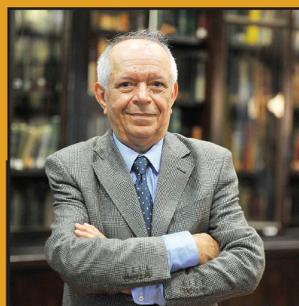
A Literatura de Cordel possui um legado riquíssimo, de enorme importância cultural. Destacando-se pela diversidade, seja de autores ou temáticas, traduz o reflexo da história, realidade ou vivência de um povo que busca valorizar suas raízes. Com características próprias, regras e, principalmente, pluralidade, carrega em suas palavras tradição, cultura e memória.

Entre versos, rimas e cantoria, esse gênero cultural popular abrange não apenas letras, mas também música e ilustração. Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, o Cordel é veículo de comunicação, ofício e meio de sobrevivência para inúmeros cidadãos brasileiros: poetas, declamadores, editores, ilustradores (desenhistas, artistas plásticos, xilogravadores) e folheteiros (como são conhecidos os vendedores de livros).

Afinada com o artigo primeiro de seu Estatuto – “a cultura da língua e da literatura nacional” – a Academia Brasileira de Letras (ABL), recentemente, firmou um acordo de cooperação técnica com o Sebrae do Ceará, erguendo o “cálice da tradição”. Uma tradição apta a modernizar o presente e impedir que o germinar do novo enseje a demolição de um repertório ancestral, que tanto nos explica. É preciso preservar o saber acumulativo de fragmentos filtrados e aprovados pelo tempo, e que, vistos de longe, formam um mosaico a sinalizar os contornos de um país.

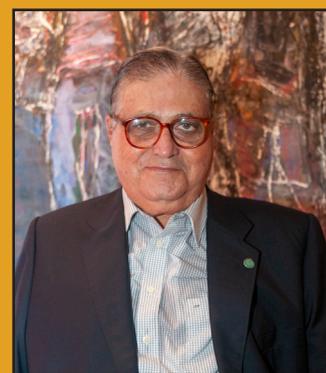
A parceria prevê o desenvolvimento de estudos, pesquisas, publicações e eventos relacionados ao Cordel, substancializados nas questões alusivas ao patrimônio cultural e economia dos nove estados nordestinos. Segundo Joaquim Cartaxo Filho, superintendente do Sebrae/CE, “Ao reconhecermos a autenticidade, acessibilidade e diversidade da literatura de cordel, estamos salvaguardando a rica tradição cultural brasileira, motivando a leitura e promovendo a educação para todos os cidadãos, gerando empregos e renda e, ao mesmo tempo, consolidando o Brasil como um país multicultural e literariamente enriquecedor.”

O acadêmico Antônio Torres elogiou a iniciativa do Sebrae/CE, ao levar à ABL a necessidade de reconhecimento da Literatura de Cordel não apenas como uma manifestação popular, mas como poesia pura. O pleito, acolhido pela ABL, deu origem ao envolvimento de vários equipamentos culturais de Fortaleza, ampliando a importância do tema e a relevância de se discutir esse tipo de arte, que, segundo o premiado autor de “Essa Terra”, está na raiz da alfabetização de várias gerações de nordestinos: “Inclusive eu. Fui alfabetizado, inicialmente, graças à oralidade do Cordel, lido pela minha mãe”, lembra o ilustre mestre baiano, filho de D. Durvalice, nascido num distrito de Inhambupe chamado Junco (hoje a cidade de Sátiro Dias), no sertão baiano.



A Academia Cearense de Letras foi palco da homenagem ao acadêmico Antônio Torres, no encerramento da Festa da Literatura de Cordel-FLIC, evento realizado pelo Sebrae/CE em parceria com a Academia Brasileira de Letras (ABL).

Outro acadêmico que se encanta (e nos encanta) com o Cordel é o pernambucano José Paulo Cavalcanti. Recém-eleito sócio correspondente da Academia Portuguesa de Letras (ou Academia das Ciências de Lisboa), o atual ocupante da cadeira 39 da Casa de Machado, especialista em Fernando Pessoa, mostra-se incansável ao homenagear suas raízes. Quando o procuramos para ouvi-lo sobre o tema, fomos brindados com arte pura, de quem carrega “canto” até na grafia do nome. Eis, na íntegra, o que nos respondeu Cavalcanti.



“Nenhum personagem representa melhor o Nordeste. Os cantadores são seu rosto e sua voz. Nesse texto, peço vênias ao mestre Niskier para ressaltar uma de suas (muitas) qualidades – a Astúcia. A mesma que, para o amigo Ariano, era ‘a coragem dos pobres’. E, para não perder tempo com esse palavreado sem brilho, vou logo a uns poucos exemplos:

1. Patativa de Assaré, cantador e cordelista de Assaré (Ceará), acabou preso por versos que fez contra o prefeito de sua cidade. E, na gaiola, encontrou uma patativa, que é ave de belo canto. Então disse:

– Linda vizinha pequena
Temos o mesmo desgosto
Sofremos da mesma pena
Embora em sentido oposto
Meu sofrer e teu penar
Clamam a divina lei
Tu presa para cantar
E eu preso porque cantei

2. João Paraibano, cantador do Sítio Pinica-Pau (Princesa Isabel, Paraíba), cantava com Rogério Menezes, de Imaculada (Paraíba). E acabou sextilha dizendo:

– Não sei como tu aguentas
Uma mulher braba e feia.
Rogério respondeu
– A minha mulher é feia
Porém digna e singela
Sua mulher é bonita
Entre todas a mais bela
Por isso que muitos ursos
Estão pulando a janela.
E João completou
– A minha mulher é bela
Estando vestida ou nua
Se parece uma sereia
Quando desfila na rua
Melhor ser corno da minha
Do que marido da tua.

3. Pinto do Monteiro (Paraíba) preparou armadilha para *Louro*, Lourival Batista, de São José do Egito (Pernambuco), dizendo:

– Eu saí de Caicó
E fui bater em Tabira
De Tabira prá Penedo
De Penedo a Guarabira
Chegando lá eu comi
O mocotó de traíra
Como traíra é peixe, Pinto jamais poderia ter comido seu mocotó.
Então, certo de ter ganho a peleja, Louro respondeu:

– Eu já vi muita mentira
De Adão até Aló
De Aló até Isac
De Isac até Jacó
Mas nunca houve quem visse
Traíra com mocotó
Só para ver, desolado, Pinto cantar
– Pois eu vim de Caicó
E fui até Guarabira
Lá vi uma vaca velha
A quem chamavam Traíra
E agora você me diga
Se é verdade ou se é mentira

Por tudo, então, viva a sabedoria, a erudição, a simplicidade, a língua certa do povo, futuro prometido, miséria e opulência, realidade e ilusão, o pecado e o paraíso na voz iluminada dos cantadores nordestinos.”

José Paulo Cavalcanti Filho (Fevereiro, 2024).

Origem

A Literatura de Cordel no Brasil é o resultado de práticas culturais em que os cantos e os contos – e suas variantes – constituem as matrizes a partir das quais uma série de formas de expressão se forjou. Na formação da cultura brasileira, tanto indígenas quanto africanos e portugueses adicionaram hábitos de transmissão oral de suas cosmologias, de seus contos, de suas canções.

Apesar de ter começado no Norte e no Nordeste, o Cordel foi disseminado por todo o Brasil, principalmente por causa do processo de migração de populações.

Na verdade, quando falamos em Literatura de Cordel, não estamos falando de uma forma de expressão artística nascida no Brasil. Partindo dos povos conquistadores, o Cordel chegou à Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI, e ao Brasil com os colonizadores, no século XVII. Por Salvador ter sido a primeira capital do país, é lá que a Literatura de Cordel tem seu berço. Não fosse a vinda do xilo para o popular e sua disseminação pelo nordeste brasileiro, boa parte de nossa história teria passado somente pelos veículos oficiais da colônia.

O traço visual mais marcante do Cordel é a técnica de impressão através da xilogravura. Nela, as ilustrações por vezes rústicas e feitas à mão, em placas, são transferidas ao papel de forma artesanal. Primeiro, o desenho é passado para uma base em madeira que servirá como molde para que a tinta seja transferida para o papel.

A técnica existe desde o século VIII, quando era utilizada na China para a representação de budistas em livros xilográficos.

No Brasil, chegou com a família Real e a imprensa Régia, em 1808. Uma característica interessante é que, somente no nordeste brasileiro, o xilo deixou as “redações” e ganhou o popular, adquirindo identidade própria em folhetos de cordel.



Poesia popular

Popularizado no Brasil por volta do século XVIII, o Cordel ficou conhecido como uma espécie de poesia popular. Ao narrar histórias com elementos do folclore típico da região, sua linguagem simples caiu na graça do povo. Os autores eram chamados de “poetas de bancada” ou “poetas de gabinete”. Depois, foram nomeados de repentistas.

Os repentistas se assemelham aos antigos trovadores medievais, comuns em Portugal, contando histórias em músicas e com rima. Costumavam fazer isso pelas ruas das cidades, propagando os poemas cantados.

No período conhecido como Renascença, foi possível a distribuição dos textos em papel. As impressões eram feitas em pequenos cadernos e, posteriormente, penduradas em cordas. Daí, a origem do nome.

Um dos maiores nomes do cordel brasileiro é o repentista Leandro Gomes de Barros (1865-1918), considerado o “pai” desse gênero literário. Primeiro brasileiro a produzir cordéis, gravou aproximadamente 1 mil, durante a vida. Foi imortalizado através da obra do saudoso acadêmico Ariano Suassuna. Quem assistiu “O Auto da Compadecida” lembra da cena em que João Grilo e Chicó convencem o padre João a enterrar uma cadelinha, em latim, oferecendo-lhe dez contos de réis. A história original dessa cena está num fragmento do cordel “O Dinheiro – O Testamento do Cachorro.”

Entre os mais recentes cordelistas é preciso citar nomes como José Alves Sobrinho, Homero do Rego Barros, Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), Téo Azevedo, Zé Melancia, Zé Vicente, José Pacheco da Rosa, Gonçalo Ferreira da Silva, Chico Traíra, João de Cristo Rei e Ignácio da Catingueira. Merece destaque também José Francisco Borges, cordelista há mais de 50 anos. O pernambucano é um dos xilogravistas mais famosos do país e ficou conhecido nacionalmente pela vinheta de abertura da novela “Cordel Encantado”, da Rede Globo.

Arte genuína, simples e carregada de importância para a cultura nacional, o Cordel é representado, há quase 50 anos, por uma Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Somente em 2018, foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Por muito tempo, esse gênero sofreu preconceitos. Com o comprometimento de intelectuais, artistas e acadêmicos, no entanto, podemos identificar uma mudança nesse cenário. A Literatura de Cordel tem ocupado mais espaço também na mídia. O cearense Bráulio Bessa, por exemplo, recentemente alcançou notoriedade com o quadro chamado *Poesia com Rapadura*, no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, na TV Globo. Toda semana, citava poesias escritas por ele com temas atuais e aleatórios, impressionando o público pela emoção nas palavras.



Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC):

Em 1978, o poeta cordelista Gonçalo Ferreira da Silva deu início, na Feira de São Cristóvão, na capital carioca, a um grupo de estudos que acabou se tornando o embrião da ABLC, reunindo os expoentes do estilo literário que, com o apoio da Federação das Academias de Letras do Brasil, passou a ter uma sede própria (na rua Leopoldo Fróes, 37, no bairro de Santa Teresa).

Outro precursor foi o poeta paraibano Raimundo Santa Helena, que chegou a concorrer, sem sucesso, a uma vaga na Academia Brasileira de Letras.

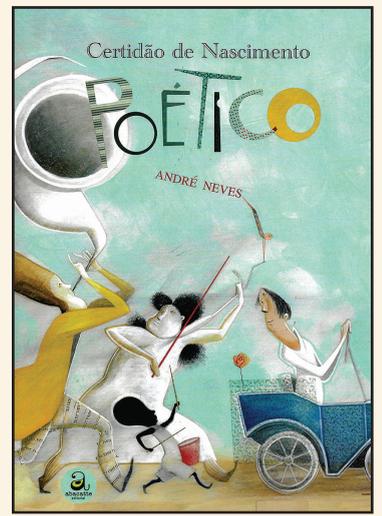
Entidade literária máxima a reunir, no Brasil, os expoentes da literatura de cordel típica da Região Nordeste do país, a ABLC, entre suas atividades, publica folhetos de vários autores, além de livros como o *Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel*. Constituída por quarenta cadeiras, assim como a Academia francesa, que a todas as Academias serve de modelo, cada uma delas sob um patronato, como a brasileira, possui ainda a categoria de sócios beneméritos. Sua primeira diretoria tinha somente três membros: Gonçalo Ferreira da Silva, presidente; Apolônio Alves dos Santos, vice-presidente e Hélio Dutra como diretor cultural.

O ano começa agora

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com



Certidão de Nascimento Poético (Abacatte) – Verso e Rima puxam o cortejo. / Ritmo e desejo para a poesia. – A beleza da edição nos guia ao encontro da poesia, de versos, de rimas e de poetas. André Neve, autor e ilustrador, abre a porta e nos conduz pelo nascimento, vida, morte e renascimento da poesia e reflete os versos de muitos poetas. Vai ser bem divertido encontrá-los.



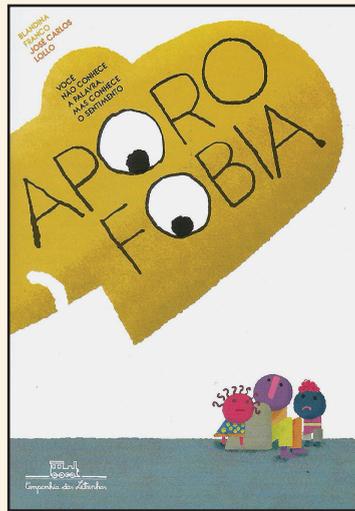
Dizem que o ano tem início depois do Carnaval e nossa página se apresenta repleta de livros especiais, cuidadosamente editados, sendo possível afirmar que a literatura infantil está vivendo um bom momento, comprovado na qualidade dos textos, na riqueza das ilustrações, no cuidado editorial e nos espaços nas livrarias. Novas editoras surgem e outras ressurgem, retomando o espaço.

Ainda rememorando o Carnaval, não podemos esquecer o enorme sucesso da obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (Record), tema da Portela e *Meu Destino é Ser Onça*, de Alberto Mussa (Civilização Brasileira), enredo da Grande Rio. É a literatura presente na mais importante manifestação cultural do país.

Para esta página inicial, encontramos temas bem atuais que vão sensibilizar os jovens leitores e que trazem situações variadas e criativas.

E uma notícia muito especial: este ano a nossa página de *Literatura Infantil* completa 25 anos! Temos muito a comemorar!

Aporofobia – ou pobrefobia (Companhia das Letrinhas) – Você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento – Blandina Franco escreveu e José Carlos Lollo ilustrou e incluí o texto do Padre Júlio Lancellotti na quarta-capa, ferrenho defensor das pessoas em situação de rua, pobres e abandonadas. O padre Júlio, com seu trabalho nas ruas da cidade de São Paulo, nos estimula a uma mudança de pensamento e de atitude para com os menos favorecidos. De forma bem objetiva e simples, caminhamos com imagens e frases que nos apresentam o terrível sentimento de repulsa, ou indiferença, contra os pobres. Drogas e violência não traduzem a realidade de muitas pessoas que vivem nas ruas. Que, com leituras como esta, os mais jovens consigam romper as cruéis barreiras do preconceito.

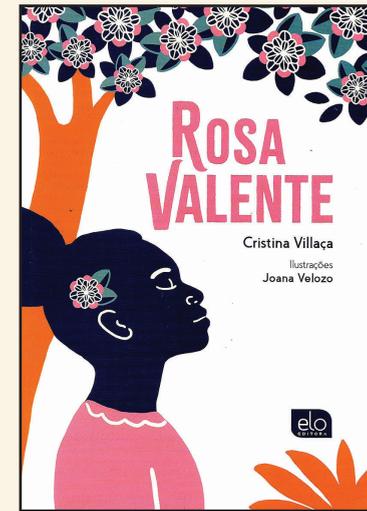
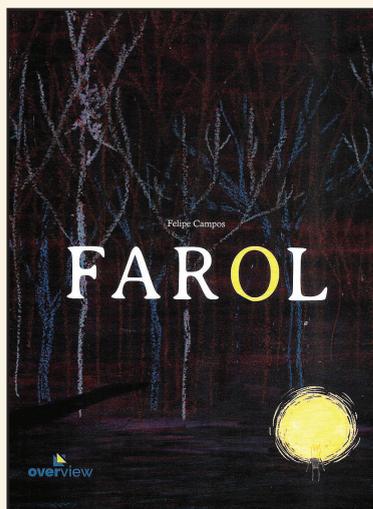


Que Planeta é este? (Pequena Zahar) – A artista portuguesa Eduarda Lima é a autora e ilustradora desta obra exuberante onde a magia das cores nos transporta a diferentes lugares do planeta, lindamente selecionados. Que bom que a luz apagou!



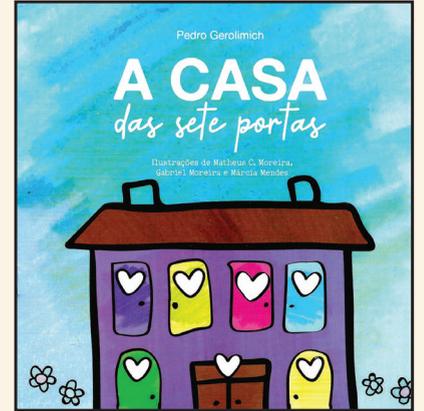
Farol (Overview) – O texto e as ilustrações de Felipe Campos mostram que, às vezes, você pode pensar que a sua luz atrapalha. Não permita que dificuldades a turvem. Com a ajuda e a força dos amigos, a

monstrinha Farol consegue avivar a própria luz. Imagens criativas e história bem do jeito que a garotada gosta!

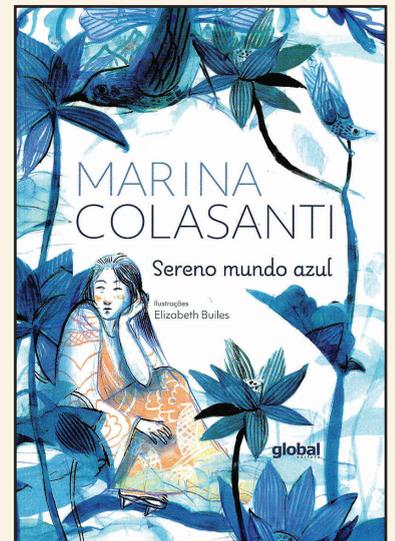


Rosa Valente (Elo editora) – Cristina Villaça escreveu e Joana Velozo ilustrou – Conheci os originais e adorei esta pequena novela que nos transporta pela crueldade da escravização e a resistência às barbaridades cometidas contra os escravizados. Muita emoção ao vê-lo lindamente editado e ser citada na dedicatória! A autora permite que a dor não seja esquecida, Rosa não sofreu castigos desumanos, mas conheceu-os bem de perto. As camélias e o Quilombo do Leblon ressurgem, e o leitor pode participar, escolhendo o final preferido!

A Casa das Sete Portas (Edição do Autor) – Pedro Gerolimich escreveu e as ilustrações são de Matheus C. Moreira, Gabriel Moreira e Márcia Mendes – Pedro do Livro é um grande batalhador pela leitura e os livros. Criador da biblioteca A Casa Amarela, no subúrbio de Anchieta, no Rio de Janeiro, que proporciona, à garotada local, o convívio com livros, histórias e atividades. Ao conviver com Angelina, sua enteada, descobre a importância do afeto e do aconchego para crianças de famílias que se separam. É a menina quem conta esta história das muitas casas que sempre a recebem com muito amor. Parabéns, Pedro do Livro, Pedro Autor!



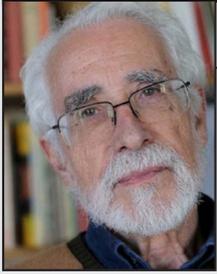
Sereno Mundo Azul (Global) – Ler Marina Colasanti é encontrar um mundo mágico, diáfano como suas histórias. As ilustrações de Elizabeth Builes combinam perfeitamente com as fantasias dos contos reunidos neste livro. Deles, o que mais me impressionou foi “Um punhado de terra”, pela generosidade, doação e amor ao próximo. Cada história possui um encanto especial e reafirma a sutileza e especial criatividade da autora.



BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



JOÃO BARRENTO

(Nascido em Alter do Chão, 26 de abril de 1940) Ensaísta, crítico literário, cronista e tradutor português. João Barrento licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade

de Lisboa (1958-64), tendo elaborado uma dissertação sobre a obra do dramaturgo inglês Harold Pinter (*Entre a Palavra e o Gesto. Interpretação do Teatro de Harold Pinter*. Lisboa, 1964). De 1965 a 1968, foi leitor de português na Universidade de Hamburgo e, mais tarde, leitor de alemão na Faculdade de Letras de Lisboa. De 1986 até aposentar-se, foi professor de literatura alemã e comparada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É tradutor de literatura e filosofia de língua alemã. Traduziu e prefaciou dezenas de autores de língua alemã, da Idade Média à atualidade, particularmente de poesia moderna e contemporânea, além de obras de ficção, filosofia e teatro. Entre as suas publicações encontram-se obras, traduções, ensaios e crônicas. Faz traduções de Goethe, Robert Musil, Georg Trakl. Premiações: 1993 - Grande Prêmio de Tradução do PEN Clube Português/Associação Portuguesa de Tradutores, pela tradução da obra de Goethe; 2005 - Prêmio de Tradução Científica e Técnica da União Latina, pelo 1º volume da edição de Walter Benjamin; 2010 - Prêmio D. Dinis, da Fundação da Casa de Mateus, pelo livro *O Gênero Intranquilo. Anatomia do ensaio e do fragmento* e 2023 - Prêmio Camões.

acervo JL



BARBARA KINGSOLVER

(Nascida em 8 de abril de 1955) Romancista, ensaísta e poetisa americana ganhadora do Prêmio Pulitzer. Suas obras amplamente conhecidas incluem

The Poison wood Bible, a história de uma família missionária no Congo, e *Animal, Vegetal, Miracle*, um relato de não ficção das tentativas de sua família de comer localmente. Em 2023, ela recebeu o Prêmio Pulitzer de Ficção pelo romance *Demon Copperhead*. Seu trabalho frequentemente se concentra em tópicos como justiça social, biodiversidade e a interação entre os humanos e suas comunidades e ambientes. Kingsolver recebeu vários prêmios, incluindo o prêmio Richard C. Holbrooke Distinguished Achievement Award 2011 do Dayton Literary Peace Prize e a National Humanities Medal. Depois de vencer por *The Lacuna* em 2010 e *Demon Copperhead* em 2023, Kingsolver se tornou a primeira autora a ganhar duas vezes o Prêmio Feminino de Ficção. Cada um de seus livros publicados desde 1993 está na lista dos mais vendidos do *New York Times*. Kingsolver foi criada na zona rural de Kentucky, viveu brevemente no Congo em sua primeira infância e, atualmente, mora na área dos Apalaches, nos Estados Unidos. Ela se formou em biologia, ecologia e biologia evolutiva na DePauw University e na University of Arizona. Em 2000, Kingsolver criou o Prêmio Bellwether para apoiar a "literatura de mudança social".

acervo JL



JOÃO GILBERTO NOLL

(Porto Alegre, 15 de abril de 1946 — Porto Alegre, 28 de março de 2017) Escritor brasileiro, vencedor de seis prêmios Jabuti. Em 1992, escreveu

seu primeiro texto para teatro, *Quero Sim*. cursou letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), porém concluiu seus estudos na Faculdade Notre Dame do Rio de Janeiro. Nesta cidade, trabalhou como jornalista e, em São Paulo, como revisor. Em 1980, publicou o livro de contos *O Cego e a Dançarina*, pelo qual recebeu diversos prêmios, tais como revelação do ano, da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), ficção do ano, do Instituto Nacional do Livro, e o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Um dos contos desse livro de estreia, *Alguma coisa urgentemente*, foi adaptado pelo cineasta Murilo Salles, sob o título *Nunca fomos tão felizes*, em 1983. *Harmada*, sob a direção de Maurice Capovilla em 2003, e *Hotel Atlântico*, direção de Suzana Amaral em 2009, também foram adaptados para o cinema. O autor também foi selecionado para figurar no livro *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*, em 2000. Seu nome foi citado entre os maiores escritores brasileiros vivos, em uma enquete com especialistas, realizada pelo *Correio Braziliense*, em 2013. Noll foi bolsista e professor convidado da Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos. Também foi escritor residente no King's College, em Londres, em 2004. A partir de sua experiência na Inglaterra, ele escreveu o livro *Lord*.

Dom Orani, solidariedade como força vital

Por Paulo Baía*

Ao contemplar os 15 anos de Dom Orani Tempesta como Bispo da Arquidiocese do Rio de Janeiro e sua década como cardeal, um período marcado pela promoção do diálogo e da compreensão, evidencia-se que a existência vai além do simples viver; trata-se de um constante exercício de atitudes que não só influenciam nossas vidas, mas também delineiam o destino coletivo da cidade maravilhosa. Destaco a importância central das atitudes de Dom Orani, enfatizando a solidariedade como uma força vital para o bem comum. Saliento que a indiferença atua como um agente corrosivo, deixando dor, desigualdade social e pobreza em seu rastro. Dom Orani nunca é indiferente.

A solidariedade emerge como uma força propulsora na ação pastoral, buscando uma sociedade mais justa e compassiva. Ao direcionar suas atitudes para o bem comum, Dom Orani estende uma mão solidária que não apenas alivia o sofrimento alheio, mas também constrói um alicerce sólido para a coletividade. A indiferença pode ser comparada a um veneno que perpetua a dor, a desigualdade e a pobreza, e, conforme enfatizado, Dom Orani nunca é indiferente.

Desconfiar dos indiferentes é um apelo à consciência social. A indiferença frequentemente se manifesta como uma omissão cruel diante da dor alheia,

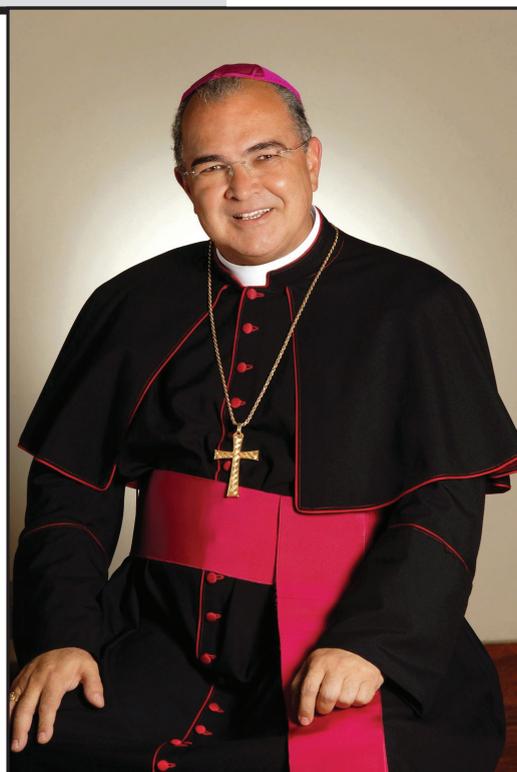
da desigualdade social gritante e da pobreza persistente. Desconfiar da indiferença é um chamado para questionar a integridade daqueles que permanecem apáticos diante de questões fundamentais que afetam a humanidade. Dom Orani nunca é indiferente.

Pensando em Dom Orani, estabeleço uma analogia entre a indiferença e a anorexia existencial, ressaltando que a falta de empatia deixa a sociedade esvaziada de significado. Optar pela indiferença perante a dor alheia é contribuir para uma existência empobrecida em compaixão e solidariedade. Em contraste, as atitudes solidárias nutrem a coletividade, preenchendo a vida de propósito e significado; e, como ressaltado, Dom Orani nunca é indiferente.

Num mundo interconectado, cada ato de solidariedade reverbera como uma onda de positividade. A escolha de estender a mão ao próximo não apenas alivia a dor imediata, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais equitativa e justa. A indiferença, por sua vez, ecoa como uma nota dissonante, agravando a dor, a desigualdade e a pobreza. Dom Orani nunca é indiferente.

Dom Orani conduz o viver com uma participação ativa na construção de um destino coletivo e luminoso, onde a paz é uma prática e não apenas uma esperança hipotética. Suas atitudes solidárias são as forças motrizes para um bem comum duradouro, enquanto a indiferença de muitos é um obstáculo corrosivo que perpetua a dor, a desigualdade social e a pobreza. Dom Orani nos ensina que desconfiar da indiferença é um apelo urgente para enfrentarmos os desafios sociais com empatia e ação, construindo um futuro mais humano, justo e solidário. Dom Orani nunca é indiferente.

*Paulo Baía é sociólogo, cientista político e professor da UFRJ.





Por Zé Roberto

arte

Desenharte



zerobertograuna@gmail.com



Poster com arte de Walmir.

NO CENTENÁRIO DE GUY WILLIAMS, A DESPEDIDA DE WALMIR AMARAL

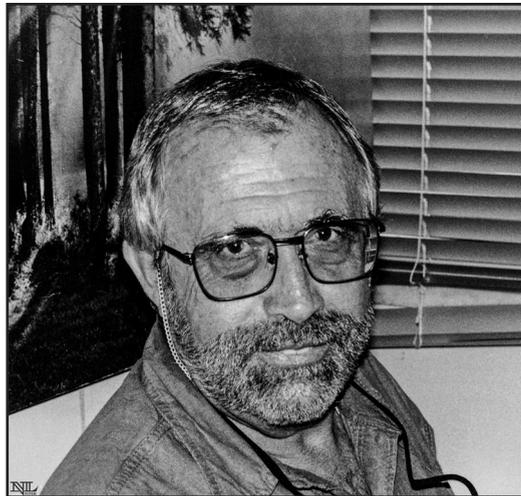
Zorro, o herói mascarado, é um ícone dos fãs de seriados de televisão e histórias em quadrinhos, especialmente para os jovens que já passaram dos 60 anos. O mais famoso Zorro já encenado, chegou ao Brasil em meados dos anos 1960, consagrando o ator Guy Williams. Na época, Armando Joseph Catalano – seu nome de batismo, era um novato,

com participações secundárias em alguns filmes e trabalhos realizados como modelo publicitário. Mesmo sem se destacar em seu início como ator, Guy Williams teve aparições relâmpagos em filmes importantes, como nos primeiros minutos de *O Dia em que a Terra parou* (*The Day the Earth Stood Still*), de 1951. Alto, bonito e habilidoso na arte da esgrima – esporte que já havia praticado antes de sonhar em empunhar a espada do justiceiro – foram pontos favoráveis para ser escolhido para o papel, aliás, escolha sob o olhar cirúrgico do próprio Walt Disney. O seriado foi ao ar pelo canal ABC em 28 de setembro de 1959. Apesar do enorme sucesso, os custos da produção e empecilhos contratuais com a emissora resumiram a série em duas temporadas de 78 episódios e mais 4 especiais (estes, praticamente inéditos nas emissoras de televisão aberta no Brasil).

Com o fim do seriado, Guy Williams ainda manteve contrato com a Disney por mais algum tempo, fazendo aparições na Disneylândia e em eventos da empresa, mas logo seguiu seu caminho tentando dar continuidade à sua carreira de ator. Guy apareceu em algumas produções cinematográficas, quase sempre em filmes de aventura, e surgiu em participações especiais em outros seriados, como o *western* *Bonanza*. Em 1965, volta a ser protagonista na TV num dos maiores sucessos criados por Irwin Allen: *Perdidos no Espaço* (*Lost in Space*), obra que durou 3 temporadas, com 84 episódios. Mas Guy Williams estava mesmo fadado a ser o Zorro, quando, numa viagem à Argentina, em



Guy Williams.



Walmir Amaral numa foto de Nei Lima.

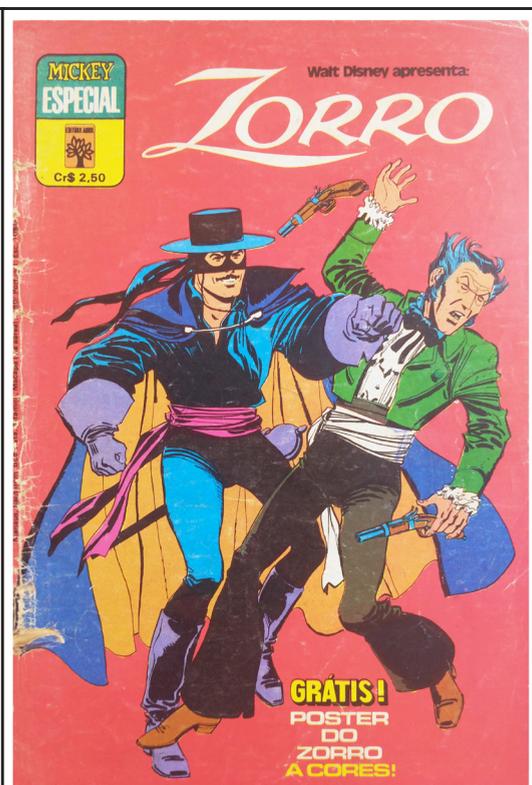
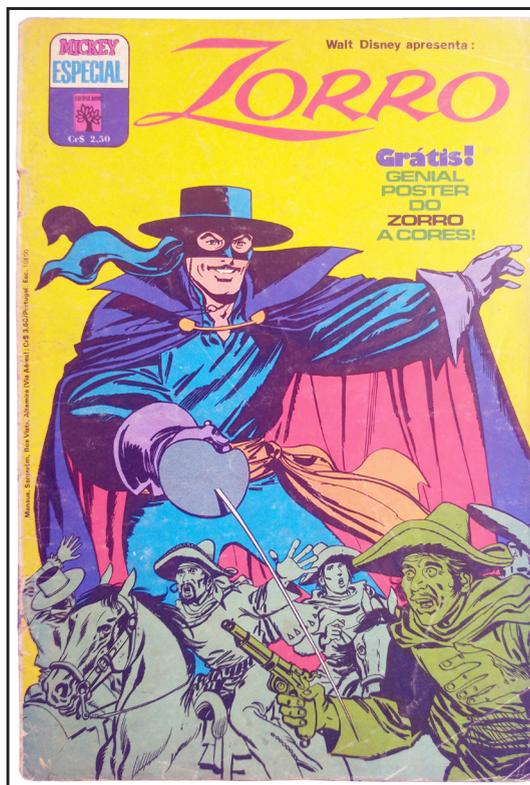
até que faleceu em 6 de maio de 1989 em seu apartamento, em Buenos Aires, no bairro de La Recoleta.

Nascido no dia 14 de janeiro de 1924, em Washington Heights, Nova Iorque, Guy Williams tem sido lembrado por seus fãs por conta do centenário de seu nascimento. No Brasil, é impossível não recordar das muitas histórias em quadrinhos lançadas pela editora Abril com as aventuras do Zorro. Boa parte desse material já vinha pronto do exterior, especialmente as belas páginas ilustradas pelo genial Alex Toth (na edição de outubro de 2022, esta coluna publicou nota sobre o álbum de quadrinhos *Zorro*, de Toth, lançado pela editora JBriga), mas a competente equipe de desenhistas brasileiros que a editora mantinha em seus quadros criou algumas páginas, capas e pôsteres que fizeram História. Algumas dessas peças, especialmente os pôsteres, hoje, são itens raros de coleção muito disputados pelos aficionados que caçam raridades pelos leilões e sebos.

Rodolfo Zalla, Moacyr Rodrigues e Walmir Amaral estão entre esses gênios do traço que deram vida ao Zorro inspirado na imagem de Guy Williams. Zalla talvez tenha sido o mais frequente entre seus colegas, mas algumas capas e pôsteres foram magistralmente desenhados pelas mãos talentosas de Walmir Amaral (na foto em preto e branco, num registro do Nei Lima, quando trabalharam juntos no CCAA, no final dos anos 1990).

No final do ano passado, enquanto preparávamos este pequeno registro, para ter certeza da autoria das artes publicadas pela Abril, que não traziam as assinaturas dos desenhistas, mantivemos contato com o Walmir pelo *WhatsApp*. Nas mensagens, o fabuloso desenhista confirmou pelo menos 3 capas e um pôster como sendo criações suas. Infelizmente, Walmir Amaral faleceu no dia 10 de janeiro passado, quatro dias antes do centenário do ator americano. Em sua homenagem, vamos exibir alguns de seus desenhos inspirados em Guy Williams para a apreciação do leitor do JORNAL DE LETRAS.

Saúde e Arte!



1972, o ator foi recebido como ídolo, por conta do sucesso do herói mascarado na América Latina. Surpreso com a fama que tinha fora de seu país, “Don Diego de La Vega” mudou-se para Buenos Aires, participou de programas de televisão, apresentou-se em eventos e chegou a manter uma churrascaria no país. Passou seus últimos anos sendo idolatrado pelos argentinos,

As muitas vozes verbais¹

Por José Augusto Carvalho*

Discute-se aqui o problema das vozes verbais que as gramáticas e a Nomenclatura Gramatical Brasileira consideram como sendo apenas três: a *ativa*, a *passiva* e a *reflexiva*. Uma frase como “A montanha tremeu” seria talvez considerada inadequadamente como estando na voz ativa ou não estando em voz nenhuma. Propõe-se aqui a existência de uma voz depoente (em que o verbo está na voz passiva, mas com sentido ativo, como em “Ele é um homem viajado, ele chegou aqui almoçado”, por exemplo) e de uma voz semidepoente (em que o verbo está na voz ativa, com significado passivo, como em “ele levou um tiro, ela pegou gripe”, por exemplo). A voz reflexiva seria apenas uma das várias maneiras com que se apresenta a voz medial. Na voz medial, estaria também a frase acima transcrita: “A montanha tremeu.” Assim, as cinco vozes verbais aqui propostas seriam: voz ativa, voz passiva, voz medial, voz depoente e voz semidepoente.

AS VOZES VERBAIS

Voz é a forma com que o verbo se apresenta para indicar a relação entre ele e o sujeito.

As vozes verbais constituem um assunto difícil que nossas gramáticas nem sempre analisam com a devida profundidade. A rigor, só os verbos transitivos diretos ou os adequadamente chamados bitransitivos (na antiga nomenclatura) podem ter voz ativa, passiva ou reflexiva, pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Em frases como *José saiu*, *Antônio foi ao Rio* ou *Preciso de dinheiro* e quejandas, os verbos estariam no que se deveria chamar de voz medial, de que também é exemplo a voz reflexiva, mas seria uma solução conveniente para a análise de frases como *José morreu*, em que o sujeito, na verdade, é paciente, e seria, como é, disparate falar em voz ativa. Falar em “passividade” em casos como *Carlos levou um tiro* para justificar que se trata de voz ativa e não de outro tipo de voz, como veremos oportunamente, é escamotear o problema, e não resolvê-lo. Vale dizer: Pela NGB em vigor, uma frase como *Ele caiu* não estaria em voz nenhuma.

As gramáticas que estudam a diátese (voz verbal) levam em conta apenas as vozes ativa, passiva e reflexiva. Mas há, ainda, a voz medial (de que a reflexiva é um exemplo, embora não único) e uma quinta espécie de voz, que os estudiosos de latim conhecem bem, posto que nem sempre com essa classificação de voz: a depoente. Um verbo latino se chama depoente quando tem forma passiva e significado ativo, como **sequor**, **sequeris**, **secutus sum**, **sequi** (“seguir”). São semidepoentes os verbos que têm forma ativa no sistema do *infectum* (conjunto dos tempos de ação incompleta, como os presentes e imperfeitos) e forma passiva no sistema do *perfectum* (conjunto dos tempos de ação completa, como os perfeitos e mais-que-perfeitos), como **fido**, **es**, **fisus sum**, **fidere** (“fiar-se”).

Em português, a voz depoente tem o verbo passivo com significado ativo, como em *Ele é um homem lido* (isto é, que lê) ou como em *Ele cresce a olhos vistos* (isto é, a olhos que veem). Um tipo diferente de voz depoente é a voz semidepoente, que, ao contrário daquela, tem forma ativa e significado passivo. Trata-se de verbos transitivos diretos com objeto direto, mas com sujeito paciente, como em *José levou um tiro*, *Carlos ganhou um tapa*, *Jorge pegou sarampo*, *Antônio recebeu um soco* etc. Embora teoricamente se possa transformar na voz passiva os verbos que tenham objeto direto, o significado passivo das frases acima impede esse tipo de transformação. Falar em “passividade” não resolve casos em que, embora o sujeito seja agente, a ação verbal recaia sobre ele, como se a voz fosse reflexiva (mas é voz medial) sem o pronome adequado tornando impossível a transformação passiva, como em: *José pesa apenas trinta quilos*, *Carlos perdeu o ônibus* e *Maria pula corda*.

A gramática gerativa, na teoria padrão, considerava a voz passiva uma simples transformação facultativa da voz ativa. Ora, a diátese é uma categoria gramatical, realizada no verbo, que indica se o sujeito é ou não exterior ao processo ou à ação verbal. Historicamente, a voz passiva se origina não da voz ativa, mas da voz dita medial, que se realiza ora com verbo transitivo que coocorra com um pronome reflexivo (*Ele se feriu*) ou com objeto duplo em que o sujeito (agente) exerce a ação sobre um objeto distinto, mas em seu benefício (*Ele se deu esse luxo*), ora com verbo intransitivo cujo sujeito não é necessariamente o agente da ação ou do processo (*A montanha tremeu*).

A ideia da voz semidepoente parece-me solução adequada para explicar, graças às suas características de uma voz diferente, a impossibilidade de transformação passiva de frases como *Antônio levou um soco*, em que o verbo parece estar na voz ativa, com objeto direto, mas o sujeito é paciente. No inglês clássico, é possível voz passiva com objeto direto: *I was stolen a pencil by him* (literalmente: “Eu fui roubado um lápis por ele”). Em redações escolares, é possível encontrar voz passiva construída equivocadamente com objeto direto, como no exemplo seguinte: “*O professor foi indagado pelos alunos se podia liberar a turma mais cedo.*”

É interessante lembrar ou relembrar que a voz passiva não é neces-

sariamente sinônima da voz ativa correspondente. Há casos em que a voz passiva é semanticamente distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que aquela é apenas uma transformação desta. Uma frase como *A cidade viu Tancredo doente* tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: *Tancredo foi visto doente pela cidade*, em que o sujeito metonímico da ativa se confunde com um adjunto adverbial de lugar, na passiva. A frase *Eu tirei esta foto* pode ser interpretada assim: *Posei para esta fotografia* ou *Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia*. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase *Um só aluno não fez o dever* não diz o mesmo que *O dever não foi feito por um só aluno*.

Só existem dois tipos de voz passiva: a analítica, construída com o verbo **ser** auxiliar, como em *A rosa foi vista por José*, e a sintética, construída com o pronome apassivador, como em *Viu-se a rosa*. Alguns gramáticos, confundindo análise semântica com análise sintática, apresentam, equivocadamente, um terceiro tipo de voz passiva: a de infinitivo, como na frase *osso duro de roer*, pretensamente passiva, porque pode ser parafraseada em *osso duro de ser roído*. Ora, nos predicados adjetivais desse tipo (difícil de fazer, duro de roer, fácil de ler, ruim de dizer etc.), a voz é ativa; pressupõe a existência de um sujeito ativo: osso duro de alguém roer, livro fácil de alguém ler, trabalho difícil de alguém fazer etc. Por isso é possível dizer: coisas difíceis de fazer (voz ativa), coisas difíceis de se fazerem (voz passiva sintética) e coisas difíceis de serem feitas (voz passiva analítica).

Em frases como *dar a mão a beijar*, a ideia é ainda de voz ativa: dar a mão para alguém beijar, dar a mão a alguém que a beije. Raciocinar com comutações sintáticas é deixar-se enganar pela semântica. A comutação, isto é, a troca de um elemento por outro para verificar se o sentido permanece ou não o mesmo, funciona adequadamente na fonologia, mas fracassa na sintaxe. Por exemplo: pode-se dizer “de tarde”, “de noite”, “de manhã”. Mas, se se pode dizer “à tarde” e “à noite”, não se pode dizer “à manhã”. A comutação não funciona.

Como a voz ativa e a voz passiva são quase sempre sinônimas, é fácil tomar uma pela outra às vezes, como faz o usuário da língua, ao dizer *Afinam-se pianos* (por *Afinam-se pianos*) ou *É fácil fazer a lição quando se a sabe* (por *quando se sabe ela*). Uma regra de concordância frequentemente ignorada estipula que, sempre que numa oração existir o pronome **se**, seu sujeito será normalmente o primeiro substantivo ou pronome que aparecer sem preposição. Por isso, é impossível a ocorrência do pronome **se** com os pronomes pessoais **o** ou **a**. É inadmissível dizer *O dinheiro é bom quando se o tem*: o pronome sem preposição, de acordo com a regra acima, que aparece na oração com o **se** é **o**, que não pode ser o sujeito, porque é pronome pessoal típico de objeto direto. Corrija-se: *O dinheiro é bom quando se tem(ele)*. Em *Alugam-se pianos*, o substantivo não preposicionado – **pianos** – é o sujeito. Por isso o verbo vai para o plural. Em *Precisa-se de empregados*, o substantivo está preposicionado, por isso o verbo fica no singular: o sujeito é indeterminado. Diz-se que o sujeito é indeterminado quando não tem núcleo, isto é, quando não existe pronome nem substantivo que exerça essa função explicitamente na oração.

Não precisamos recorrer aos clássicos para provar que não é por falsa concordância que o verbo concorda com o seu sujeito passivo nas construções com o **se** apassivador, mas pelo fato de o **se** indeterminador e o **se** apassivador serem duas realidades diferentes.

Recorramos à intuição, à moda dos gerativistas, e examinemos as frases seguintes:

1. Quanto ao gênero e ao sexo, trata-se de coisas diferentes 2. Desfolhou-se a árvore pela ação do vento.

Nenhum falante substituiria o **se** por a gente ou por **alguém**, no exemplo 1, embora seja patente a indeterminação do sujeito; e ninguém tampouco acharia que, no exemplo 2, a árvore se teria desfolhado, mas que ela *foi desfolhada* pela ação do vento. No exemplo 2, a significação passiva é óbvia demais.

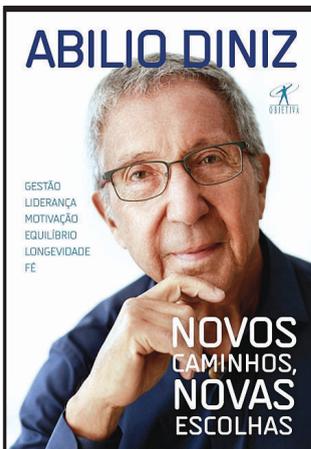
Parece-me que a falta de concordância que se observa em frases como *Alugam-se casas*, na fala popular (*Aluga-se casas*), se deve à inversão da ordem. Em frases como *O chá e o café se derramaram sobre a mesa*, o significado passivo é mais bem aceito pela intuição ou pela psicologia do falante do que em frases em que o sujeito aparece depois do verbo. Ninguém deixaria de reconhecer o sentido passivo em frases como: 3. Tu te operaste de um tumor no cérebro. 4. Nós nos batizamos quando tínhamos dois meses de vida. 5. Vós vos chamais Pedro.

Todos os estudos por mim examinados que confrontam o indeterminador e o apassivante em português ou não levam em conta o agente da passiva expresso, ou só levam em conta a 3ª pessoa **se** (à exceção do livro de Cláudio Brandão, *Sintaxe Clássica Portuguesa*, Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963). Na verdade, as outras pessoas também têm o seu pronome apassivador respectivo, como demonstram os exemplos 3, 4 e 5, acima transcritos. Pela própria definição de indeterminação do sujeito, o pronome indeterminador só pode ser da 3ª pessoa.

¹ Texto adaptado de parte do capítulo 12 sobre verbos, do livro do autor, intitulado *Gramática Superior da Língua Portuguesa*, publicado pela Editora Thesaurus, de Brasília, em 2011.

*José Augusto Carvalho é doutor em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

Novos Lançamentos



DESBRAVADOR

Em *Novos Caminhos, Novas Escolhas – Gestão, liderança, motivação, equilíbrio, longevidade e fê* (Editora Objetiva), Abilio Diniz compartilha o que aprendeu em sua jornada. Como empresário, construiu a maior rede varejista brasileira, o Grupo Pão de Açúcar, enfrentou crises pessoais e profissionais, foi sequestrado, e, no momento certo, deu a volta por cima. Neste livro, ele narra pela primeira vez sua história de lutas e os novos caminhos que descobriu com elas. Abilio sempre buscou inovar, se aperfeiçoar. Não só no trabalho, mas na forma como praticava esportes, se alimentava e organizava sua rotina, sempre em busca de autoconhecimento e equilíbrio. *Novos Caminhos, Novas Escolhas*

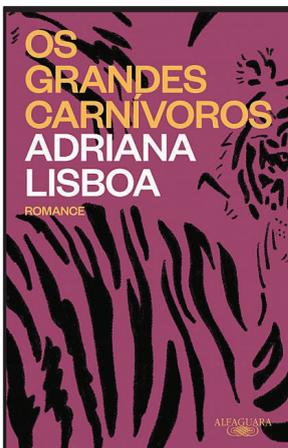
é um livro único, inspirador, que nos permite conhecer mais uma faceta de um dos maiores empresários que o Brasil já viu. Abilio Diniz nasceu em São Paulo. Foi presidente dos Conselhos de Administração da Península Participações – empresa de investimentos de sua família – e da BRF – maior exportador de proteína animal do mundo. Formado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), ministrou na FGV aulas no curso “Liderança 360°”, dedicado à formação de jovens líderes. Faleceu em fevereiro de 2024.



MUDANÇAS

Fazendo meu Filme (Editora Gutenberg) de Paula Pimenta é um livro encantador, daqueles que lemos compulsivamente e, quando terminamos, sentimos saudade. Não há como não se envolver com Fani, suas descobertas e seus anseios, típicos da adolescência. Uma história bem-humorada e divertida que conquista o leitor a cada página. Seja a relação com a família, consigo mesma e com o mundo; seja a convivência com as amigas, na escola e nas festas; seja a relação com seu melhor amigo e confidente. Tudo muda na vida de Estefânia quando surge a oportunidade de fazer um intercâmbio e morar um ano em outro país. As reveladoras conversas por telefone ou MSN e

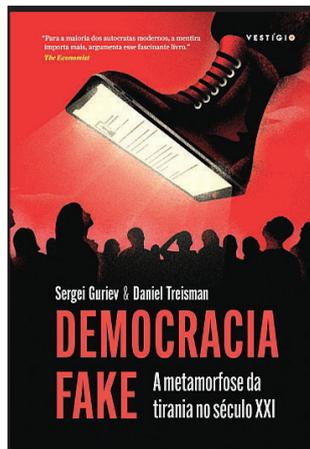
os constantes bilhetinhos durante a aula passam a ter outro assunto: a viagem que se aproxima. É sobre isto que trata este livro: o fascinante universo de uma menina cheia de expectativas, que vive a dúvida entre continuar sua rotina, com seus amigos, familiares, estudos e seu inesperado novo amor, ou se aventurar em outro país e mergulhar num mundo cheio de novas possibilidades. As melhores cenas da vida de Fani podem ainda estar por vir... Paula Pimenta é, de acordo com sua própria definição, “autora de livros cor-de-rosa”. É também um fenômeno: escreveu mais de 20 títulos, possui mais de dois milhões de exemplares vendidos.



VIDA SELVAGEM

Entre idas e vindas temporais, Adriana Lisboa conduz o leitor em *Os Grandes Carnívoros* (Editora Alfabeta) a habitar os pensamentos em desassossego de Adelaide, uma ex-presidiária e ambientalista que se vê diante da brutalidade das relações humanas. Adelaide integrou um grupo de ativistas dos direitos animais e acabou se envolvendo numa ação extrema de protesto, incendiando um laboratório de pesquisas nos Estados Unidos. Depois de três anos presa, ela volta ao Brasil. À procura de um recomeço, muda-se para uma pequena cidade na região serrana do Rio, onde conhece Rai – gentil proprietário da casa mobiliada que aluga – e sua família. Ao intercalar a jornada da ativista e as incertezas que

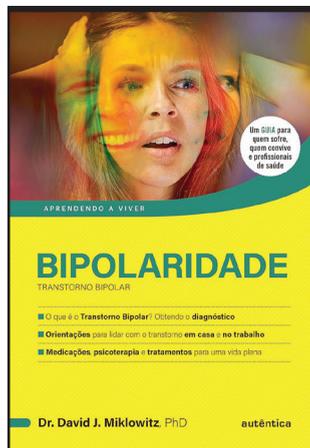
se formam nos novos vínculos que Adelaide estabelece, Adriana Lisboa tece uma narrativa sutil e poderosa sobre a fragilidade e a violência que se escondem nas mais sensíveis relações e aponta para o modo muitas vezes arbitrário como certas agressões são condenadas e outras normalizadas – incluindo, aqui, a conduta humana em relação às outras espécies animais. “Tudo pulsa com intensidade nas páginas do romance, provocando em quem o lê uma inevitável indignação contra os atos de fraqueza e arrogância da humanidade perante a complexidade do mundo vivo” – Maria Esther Maciel.



NOVOS DITADORES

Democracia Fake: A metamorfose da tirania no século XXI (Editora Vestígio), de Sergei Guriev e Daniel Treisman, mapeia a ascensão de tais líderes em todo o mundo – homens como Hugo Chávez, na Venezuela, Vladimir Putin, na Rússia, e Viktor Orbán, na Hungria –, revelando a razão pela qual a maioria dos autocratas atuais diferem dos remanescentes “ditadores do medo”, como Kim Jong-un e Bashar al-Assad, bem como dos mestres da repressão tecnológica, como Xi Jinping. Expõe, ainda, como líderes como Lee Kuan Yew, de Singapura, e Alberto Fujimori, do Peru, foram pioneiros em métodos menos violentos, mais encobertos e mais eficazes de monopolizar o poder, culti-

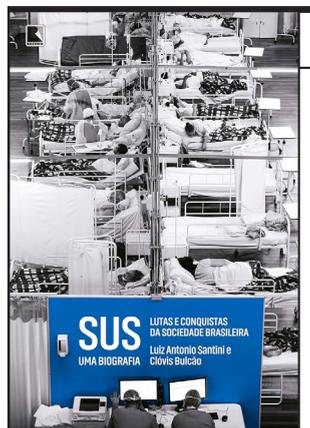
vando uma imagem de competência, praticando censura oculta e usando instituições democráticas para minar a democracia, enquanto aumentavam o envolvimento internacional em prol de benefícios financeiros e de reputação pessoal. *Democracia Fake* oferece uma explicação para o grande enigma político de nossa era – como podem os ditadores sobreviver em uma era de modernidade cada vez mais profunda? O livro sugere por que esse novo tipo de ditadura surge, como funciona, quais são as ameaças que esses regimes representam e qual é a melhor maneira de o Ocidente reagir a eles.



TRANSTORNO BIPOLAR

Oscilações de humor, alternância entre períodos de mania e depressão, pensamentos suicidas. Esses e outros sintomas permeiam a vida de milhares de pessoas que convivem com o Transtorno Bipolar. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a bipolaridade atinge cerca de 140 milhões de pessoas no mundo. Em *Bipolaridade: Transtorno Bipolar* (Editora Autêntica), o Dr. David J. Miklowitz, PhD, aborda o tema em suas várias facetas, explicando, de forma científica e compreensível, desde os primeiros sintomas e o diagnóstico até as orientações sobre terapias e medicações. Se você convive com alguém que sofre do transtorno, aprenderá conceitos e

dicas práticas para ajudar o seu filho, cônjuge, pais ou familiares a lidar com as alternâncias entre as fases de mania e depressão, mitigando os impactos negativos e melhorando a qualidade de vida da família. Para profissionais de saúde, esta é uma importante bibliografia de se ter à mão para estudar e compreender a bipolaridade em toda a sua extensão. *Bipolaridade* é um excelente guia de referência para psiquiatras, psicólogos, educadores e outros profissionais de saúde envolvidos no diagnóstico e tratamento do transtorno.



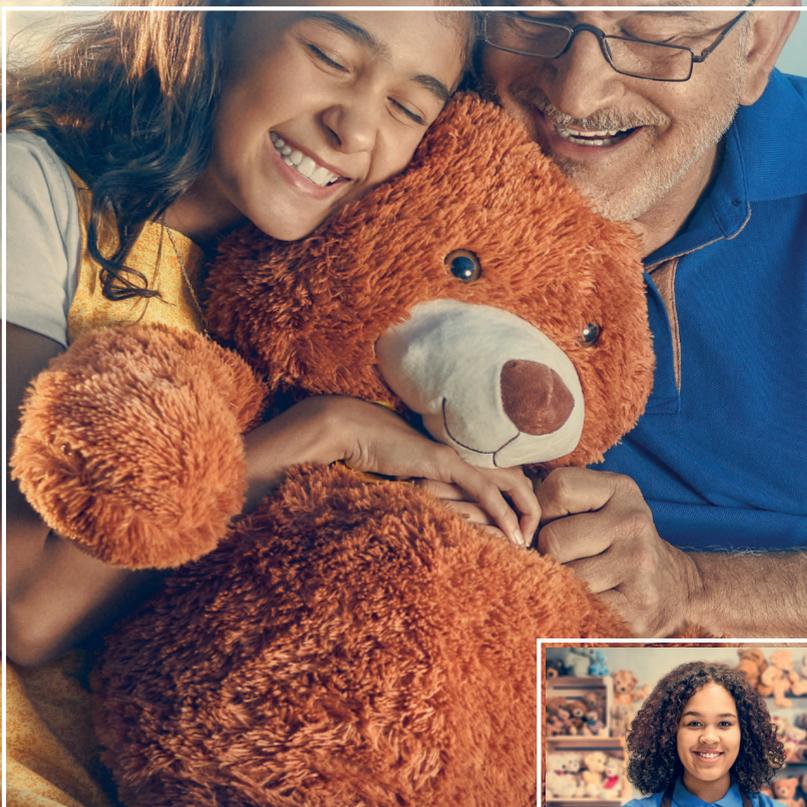
SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

SUS: Uma Biografia – Lutas e conquistas da sociedade brasileira (Editora Record), de Luiz Antonio Santini e Clóvis Bulcão, é a história do maior projeto público de saúde do mundo contada pelos seus principais personagens. O Sistema Único de Saúde (SUS) é o maior sistema público de saúde do mundo e, desde sua criação em 1988, mais de 190 milhões de pessoas recebem atendimento de saúde gratuito, entre consultas, transplantes de órgãos e tecidos, cirurgias e medicamentos, em todo o território brasileiro. Desde sua fundação até o maior drama enfrentado recentemente – a pandemia de Covid-19 e, sobretudo, o posicionamento do governo federal

diante dela –, o sistema sofre com a desinformação, o sucateamento e a corrupção, que muitas vezes atrapalham a procura de quem mais precisa do bom funcionamento dele: a população. Como instituição pública e federal, muitos fatos políticos e históricos marcaram e foram marcados pelo SUS. Entre leis, disputas e grandes acontecimentos, está visceralmente no cotidiano da maioria dos brasileiros, cuidando daquilo que, além de um direito, é da natureza humana preservar – a vida, a saúde, o bem-viver. Como instituição pública e federal, muitos fatos políticos e históricos marcaram e foram marcados pelo SUS.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
 serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
 De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
 O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
 Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
 Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
 momentos da sua vida.**

A Rebelião dos Canários

Por Pilar Rahola*

(texto original escrito em 2014)

Os mineiros tinham, até bem adiantado o século XX, uma técnica infalível para se protegerem nas profundidades da rocha: os canários.

A pequena ave, mais sensível que o homem à falta de oxigênio e aos gases tóxicos, morreria primeiro que estes se nas minas houvesse gases venenosos ou demasiado monóxido de carbono. Se os mineiros vissem os canários morrerem ou asfixiarem-se, sabiam que deviam abandonar a mina a toda velocidade. O canário era o primeiro que sofria por um mal que acabaria por matar a todos.

Em Skopje, na ex-Iugoslávia, encontrei certa vez um ancião que havia sobrevivido à história eriçada de guerras de seu país. Contou-me o segredo de sua sobrevivência: “Quando os judeus são perseguidos ou escapam – disse com sua boca desdentada – é hora de fazer as malas.”

O ancião iugoslavo tinha razão: na história moderna, os judeus foram os “canários” do mundo. Elementos minoritários e vulneráveis da sociedade, os judeus sempre foram o primeiro alvo dos movimentos de destruição e desumanização.

Na Inglaterra do “apaziguamento”, Winston Churchill denunciava o verdadeiro caráter da Alemanha nazista. Um regime que começa perseguindo os judeus – dizia Churchill – cedo ou tarde ameaçaria a liberdade e a vida de todos.

A temperança moral do mundo é posta à prova. Se os judeus podem ser perseguidos ou assassinados impunemente – raciocinam os tiranos – então se pode passar para o próximo passo. Todas as grandes ditaduras de nossa época – nazismo, stalinismo, esquerda, direita – tiveram os judeus como o alvo predileto e como coelhinhos da Índia de sua violência assassina. Todas terminaram por causar milhões de mortos de todas as nações.

Se o gás mata o canário, cedo ou tarde matará o mineiro. E isto é o que sucede hoje em dia com o fundamentalismo islâmico. O integrista é o novo totalitarismo que ameaça as sociedades ocidentais. Sob um verniz de conceitos religiosos, o fundamentalismo é uma doutrina política totalitária e fascista. Israel e os judeus foram o seu primeiro alvo e, graças à indiferença do mundo, agora o flagelo estende-se por qualquer lugar como uma impiedosa epidemia.

Quando israelenses morrem despedaçados pelas bombas terroristas, o mundo se cala.

Vozes de condenação se levantam contra Israel e não contra os assassinos. Os algozes e não as vítimas recebem a solidariedade do mundo. O israelense entre as nações ocupa o mesmo lugar que o judeu entre os povos: o eterno culpado, o vilificado, o causador de problemas.

Israel é acusado de causar o terrorismo islâmico. Na realidade, o Estado judeu é sua primeira vítima e é um campo de provas para os assassinos.

A covardia e a indiferença do mundo ao lidar com o terrorismo convenceu os assassinos de que poderiam atacar os Estados Unidos, a Europa e a Ásia. Assim, o terrorismo converteu-se num mal em escala mundial.

Houve também outros “canários” na história moderna. Em 1938, o estado pacífico e democrático da Checoslováquia foi a primeira vítima de Hitler. Foi um balão de ensaio do nazismo. Se Praga caísse, cairiam também Varsóvia, Amsterdã, Paris e Londres. No infame tratado de Munique, as potências democráticas claudicaram ante Hitler

que, convencido de sua debilidade, sentiu-se confiante para lançar a Segunda Guerra Mundial.

A lógica de Munique continua viva, tanto na Europa quanto nos assassinos. Quando a voracidade de Hitler reclamava a Checoslováquia, França e Inglaterra assinalavam o pequeno país centro-europeu como o culpado de uma tensão que levaria à guerra. “Esse país insolente deve ceder – dizia Chamberlain, referindo-se à Checoslováquia – para salvar a paz.” Praga foi forçada a ceder, a Checoslováquia desapareceu e ainda assim começou a guerra. Hoje em dia a mesma lógica se aplica a Israel. Frente ao terrorismo, Israel deve ceder, para salvar a paz.

A falácia desse argumento é óbvia: o fundamentalismo islâmico não busca a reivindicação territorial, senão a destruição de Israel e do Ocidente em seu conjunto. Frente a esta realidade, o Ocidente, e especialmente a Europa, são suicidamente cegos.

Se, como a Checoslováquia, Israel cair ante o fundamentalismo, qual será o próximo passo? A França, que tem em seu seio milhões de muçulmanos e onde os grupos fundamentalistas ganham cada vez mais poder? A Inglaterra, onde imãs fundamentalistas queimam bandeiras inglesas?

O que o Ocidente parece não entender é que Israel é o campo de batalha onde está lançado seu próprio futuro. Se Israel cair frente

ao terrorismo, então todo o Ocidente estará ameaçado. As mesmas redes de tráfico de armas e dinheiro que os terroristas usam para atacar Israel são utilizadas para atacar os Estados Unidos e outros países ocidentais.

Im’ad Magnia, o assassino do Hezbollah que organizou o atentado à AMIA, foi ativo na rede que promoveu a tragédia do 11 de setembro. Ramzee Yusef, o líder do pri-

meiro atentado às torres gêmeas em 1993, começou no Hamas. O Irã arma o Hezbollah e com as mesmas redes comandou o assassinato de dissidentes nas ruas de Berlim.

Em Istambul, a estratégia dos “judeus primeiro, depois o resto” é ensaiada com sangrenta eficácia: duas sinagogas foram atacadas e só uns poucos dias depois alvos ingleses e turcos também o foram.

Berlim e Jerusalém: Durante a Guerra Fria, o mundo pareceu ter aprendido. O Ocidente se deu conta de que Berlim era o canário que não podiam deixar morrer. Enquanto a ditadura comunista construía o muro de Berlim, John F. Kennedy visitou a cidade sitiada e clamou: “Eu sou um berlinense.” Estava enviando uma mensagem clara e forte: se Berlim é atacada, todo o Ocidente o é. Se deixamos Berlim cair, isolada e fechada em um mar de forças hostis, então nós seremos os próximos.

Israel – curioso paradoxo – é como Berlim: um oásis democrático e ocidental rodeado de forças hostis e de um mundo árabe em crescente radicalização. Assim como Berlim podia ser deglutida pela “maré” soviética, Israel pode desaparecer sob 20 ditaduras árabes.

Porém, a lucidez do mundo – em especial da Europa – durou pouco. A cegueira judeofóbica não deixa ver o óbvio e empurra a Europa para uma espiral suicida. Ao invés de olhar o problema de frente, os europeus consideram Israel como “um perigo para a paz”.

Igualmente foi ridículo considerar Berlim – e não os que a ameaçavam – como um perigo para a paz. A mesma cegueira que fez com que Chamberlain chamasse Benès (o líder checoslovaco) de insolente e não a Hitler.

Aos franceses, que por moda ou ódio judeofóbico acusam Israel de ser “o país que mais ameaça a paz mundial”, lhes perguntaria: se o Hamas vence, como deterão os fundamentalistas da França? Na mente dos fundamentalistas, a queda de Israel aplinará o caminho para futuras conquistas, no coração mesmo da Europa.

Devido à cegueira e à covardia de Munique, a França passou a ser de primeira potência do mundo a um patético país de terceira, e a Europa perdeu para sempre seu espaço de proeminência. Agora, graças a seu antissemitismo e à sua hipocrisia, permitirá ao fundamentalismo islâmico reinar sobre o continente.



A Europa pensa “se Israel não existisse, o mundo seria um lugar mais seguro” da mesma maneira que pensava “se a Checoslováquia não existisse, a Europa estaria mais segura”.

É tão ridículo como um mineiro que veja o canário sofrer se enoje com ele, em vez de pensar que ele e seus companheiros correm sério perigo.

A “correção política” e a covardia não deixam atacar o problema na raiz. Experts alemães realizaram, a pedido da União Europeia, um estudo sobre os atos de antissemitismo que assolam o continente. A conclusão foi taxativa: elementos radicais muçulmanos estavam por trás da onda de violência antijudaica e a “nova esquerda” dava legitimização e sustento ideológico aos ataques. A demonização de Israel na mídia coadjuvava a violência.

A reação das autoridades frente a este estudo mostra porque a Europa vai direto ao desastre: o relatório foi engavetado por considerá-lo demasiado “ofensivo”. Em vez de fazer frente ao problema e tomar medidas enérgicas, a comissão encomendou outro relatório “mais balanceado”.

Alguém dirá: “Sim, porém, e os palestinos?” “Eles são os oprimidos e não Israel”. A atitude da Europa não tem nada a ver com os justos reclamos dos palestinos.

Também durante Munique, os sudetos de origem alemã (no Oeste da Checoslováquia) foram considerados oprimidos. Eles foram a desculpa de Hitler para reclamar o desmantelamento do pacífico país centro-europeu, mesmo tendo Praga acedido a quase todas as demandas de autonomia dos sudetos.

Israel, tal como os judeus, não é odiado pelo que faz, senão pelo que é. Israel é odiado por ser um oásis democrático e ocidental num mar de ditaduras. Israel é odiado por apoiar-se em valores de humanidade e liberdade cercado de tiranias sangrentas. Israel é odiado porque representa um exemplo nefasto para ditadores e tiranos. Não são os defeitos de Israel que os terroristas odeiam – os quais existem em abundância –, mas suas virtudes. A Intifada não foi lançada por causa da falta de negociações de paz, mas para fazê-las fracassar. Os atentados suicidas começaram em pleno processo de paz, foram causa e não consequência de seu fracasso. Aos olhos da Europa, Arafat ganhou popularidade e legitimidade precisamente após rechaçar a paz e lançar uma guerra.

A falácia de que maiores concessões por parte de Israel deterão o terrorismo é tão óbvia quanto perigosa. Os que ainda creem, como a autora destas linhas, na justiça do reclamo palestino e na necessidade de um Estado palestino ao lado de Israel, devem saber que o terrorismo – e a hostilidade da Europa – têm pouco a ver com essa reivindicação.

A solidariedade com os palestinos é, talvez, uma das maiores hipocrisias do século. A Europa que colonizou o mundo árabe, que oprime suas próprias minorias muçulmanas e que cala complacente frente às tiranias que assolam o mundo muçulmano, se descobre como campeã dos direitos humanos precisamente no tema palestino.

A Europa, que – como a França – interveio dezenas de vezes em suas ex-colônias africanas, lava suas culpas nas costelas de Israel. A Europa que inventou o colonialismo, o genocídio e o totalitarismo, converte as vítimas em culpados. A Europa jamais protestou quando os palestinos eram submetidos pelo Egito, Síria e Jordânia. Tampouco quando o Kuwait expulsou 300 mil palestinos de seu território. Só quando Israel é o suposto “perpetrador”, a solidariedade se faz ver.

Longe de ser solidária, a Europa trata outra vez de “apaziguar” assassinos. Os que pagam são outra vez os judeus. Se não temos canários – pensaria um mineiro néscio e suicida – então não haverá gás tóxico na mina. Se não existisse Israel – pensam europeus covardes e antissemitas – então não haveria fundamentalismo islâmico. Os europeus são – nas palavras do grande Milan Kundera – “os engenhosos aliados de seus próprios coveiros”.

Israel, é como disse um jornalista israelense, um país *on probation*. O problema não são os territórios ocupados, nem o conflito palestino. O tema é o direito de Israel existir. Sua legitimidade. Nenhum outro país do mundo tem sua existência questionada.

Inclusive os que creem na necessidade de entregar territórios em troca da paz não devem enganar-se. A hostilidade da Europa não tem nada a ver com os territórios.

Em uma notória pesquisa, 19% dos italianos disseram que Israel deveria deixar de existir.

Mais revelador que o resultado é propriamente a pergunta: por que é legítimo para um pesquisador europeu pôr em dúvida o direito de Israel existir e não o da Índia, Síria, França ou Itália?

Israel tem que pedir permissão e perdão pelo mero fato de exis-

tir. Quem acompanha atentamente as emissões televisivas europeias verá que já não se debate acerca de tal ou qual plano de paz, nem acerca de regras territoriais. O debate centra-se em deslegitimar a existência do Estado.

A “nova esquerda”, que na realidade tem pouco de nova e muito do ranço stalinista totalitário, converteu em legítimo o antissemitismo e a deslegitimação de Israel. Os antissemitas modernos já não são velhos nazistas ou fascistas repulsivos, senão intelectuais progressistas e da moda. Como diz Alain Finkielkraut, “é o tempo dos antissemitas simpáticos”.

O filósofo judeu-francês – que, diga-se de passagem, é um antigo militante pela causa palestina – queixa-se amargamente: “os debates nos quais participamos não são discussões, senão tribunais.” Aceita-se a terrível irracionalidade de ser antissemita como condição necessária para ser liberal e antirracista.

O “direito de solo” que os intelectuais judeus têm que pagar para serem aceitos continua subindo: se antes tinha que ser pró-palestino, agora há que franca e plenamente negar o direito a Israel de existir.

A sociedade e os meios de comunicação colaboram ativamente. Quando Le Pen – líder da extrema direita francesa – atacava os judeus, era condenado unanimemente; quando Tarik Ramadam – pseudo-intelectual muçulmano de esquerda – lança uma lista de “judeus suspeitos”, é convidado a explicar sua posição em “*tout le monde en parle*” (um programa da atualidade muito em moda na elite artística e intelectual francesa).

Se houvesse objetividade, se poderia lutar com a mesma força pelos direitos dos palestinos e pelo direito de Israel de existir livre e seguro, como um estado judeu e democrático.

Paradoxalmente, as posturas israelenses mais extremas se veem fortalecidas por esta atitude. Se o que se nega é a existência mesma do Estado, inclusive em suas fronteiras de 1967, – pensa a extrema direita – então, de que serve fazer dolorosas concessões?

Se o que se deslegitima é Tel Aviv, então para que renunciar a Hebron? O argumento é logicamente irreprovável. Para que ceder territórios que se tenham no coração da consciência histórica judaica, se esse sacrifício não nos assegurará a paz, o reconhecimento e a segurança?

Frente a isso, a esquerda se vê esvaziada de argumentos e impedida aos extremos, e os que desejam um acordo baseado em concessões mútuas sentem-se como ingênuos que ignoram os verdadeiros motivos de seus adversários.

Quando o presidente francês Deladier voltou de Munique, esperava ser linchado por sua claudicação ante Hitler. Em vez disso, foi recebido por uma multidão que o ovacionava por ter salvado a paz. Ninguém queria “morrer pela Checoslováquia”. Fingindo um sorriso, voltou-se para seu ministro das Relações Exteriores e murmurou: *Quels cons!* (Que imbecis!).

As similitudes com a época atual são arrepiantes. Líderes que legitimam ditadores e assassinos são tratados como “heróis da paz”, enquanto asseguram um futuro de mais guerra e terrorismo. Pergunto-me se, enquanto desfrutava de sua excitação midiática anti-americana e anti-israelense, Jacques Chirac se havia voltado para Dominique de Villepin para dizer *Quels cons...*

Canários indóceis. Bem, agora suponhamos que, em uma mina, os canários digam basta!

Basta de morrer para alertar os mineiros de perigos iminentes. Basta de sofrer, porque de todos os modos os mineiros não nos prestam atenção e seguem envenenando-se lentamente com os gases tóxicos da mina.

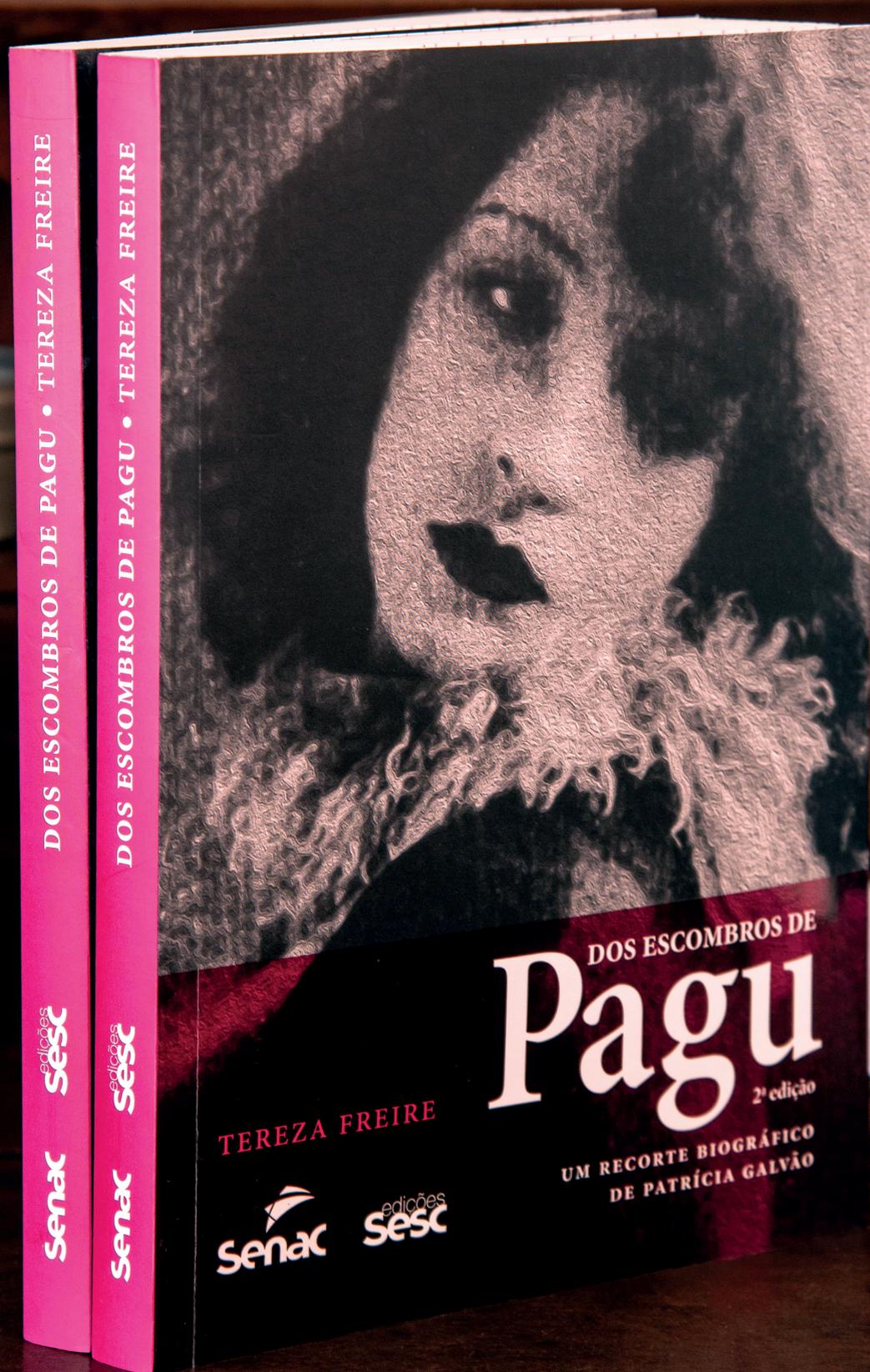
Basta de morrer gratuitamente, porque a triste verdade é que aos mineiros não importa.

Basta de asfixiar-nos por nada, porque a única coisa que recebemos é o ódio e não a solidariedade dos mineiros aos quais salvamos. Basta, porque os mineiros jamais aprenderão a lição e jamais entenderão que, se nós morrermos, morrerão eles também. Basta, porque nem sequer cuidam de nós, para cuidarem-se a si mesmos.

Basta. Nos negamos a ser as cobaias da mina; vamos fazer o que fazem todos os demais: defender nossa própria vida antes de tudo.

Esta é a legítima escolha de Israel hoje.

*Pilar Rahola foi deputada no Parlamento espanhol pela “Izquierda Republicana Catalana” e vice-prefeita da cidade de Barcelona. Escreve nos jornais *El País*, *El Periódico* e *Avui* (em catalão). Dirige o programa de entrevistas na TV espanhola. Além disso, participa de debates públicos e congressos internacionais sobre a temática da mulher e da infância. Tem vários livros publicados em catalão e castelhano.



Escrito pela historiadora Tereza Freire, *Dos Escombros de Pagu: um recorte biográfico de Patrícia Galvão* retoma a história de uma mulher apaixonadamente transgressora, tendo como ponto de partida a reunião de suas correspondências, poemas e artigos de jornal.

saiba mais em




Senac

edições
Sesc